

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE

UNIDADE ACADÊMICA DE SAÚDE

CURSO DE BACHARELADO EM NUTRIÇÃO

HALANA DOS SANTOS GERMANO

**O QUE PENSAM OS EDUCADORES SOBRE A
ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL? UM ESTUDO DE CASO EM
ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE
PICUÍ/PB**

Cuité/PB

2015

HALANA DOS SANTOS GERMANO

O QUE PENSAM OS EDUCADORES SOBRE A ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL? UM ESTUDO DE CASO EM ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE PICUÍ/PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Unidade Acadêmica de Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito obrigatório para obtenção de título de Bacharel em Nutrição, com linha específica em Alimentação, cultura e sociabilidades na sociedade atual.

Orientador(a): Prof. Dra. Michelle Cristine Medeiros da Silva.

Cuité/PB

201

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Msc. Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

G373q Germano, Halana dos Santos.

O que pensam os educadores sobre alimentação saudável? : um estudo de caso em escolas de educação infantil no município de Picuí / PB. / Halana dos Santos Germano. – Cuité: CES, 2015.

72 fl.

Monografia (Curso de Graduação em Nutrição) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2015.

Orientadora: Michelle Cristine Medeiros da Silva.

1. Alimentação saudável - escolas. 2. Alimentação saudável - educadores. 3. Alimentação - educação infantil - Picuí. I. Título.

Biblioteca do CES - UFCG

CDU 612.3

HALANA DOS SANTOS GERMANO

O QUE PENSAM OS EDUCADORES SOBRE A ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL? UM ESTUDO DE CASO EM ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE PICUI/PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Unidade Acadêmica de Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito obrigatório para obtenção de título de Bacharel em Nutrição, com linha específica em Alimentação, cultura e sociabilidades na sociedade atual.

Orientador(a): Prof. Dra. Michelle Cristine Medeiros da Silva

Aprovado em 26 de nov. de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Michelle Medeiros

Professora Dra. Michelle Cristine Medeiros da Silva
Orientador (a) - Universidade Federal de Campina Grande

Vanille Valério Barbosa Pessoa Cardoso

Professora MSc. Vanille Valério Barbosa Pessoa Cardoso
Universidade Federal de Campina Grande

Izayana Pereira Feitosa

Professora Dra. Izayana Pereira Feitosa
Universidade Federal de Campina Grande

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a **Deus**, o centro e o fundamento de tudo em minha vida, por renovar a cada momento a minha força, disposição e pelo discernimento concedido ao longo dessa jornada.

À minha orientadora, prof. Dra. **Michelle Cristine Medeiros**, que acreditou em mim; pela paciência, pelo auxílio, disponibilidade de tempo partilhando comigo suas ideias, conhecimento e experiências e que sempre me motivou. Quero expressar o meu reconhecimento e admiração pela sua competência profissional e minha gratidão por ter aceitado me orientar, por ser uma profissional extremamente qualificada e pela forma humana que conduziu minha orientação.

Ao meu Pai, **Robson H. Germano** (In Memoriam), que infelizmente não está aqui para compartilhar este momento em minha vida, mas que seu legado ficará para sempre lembrado em minha memória, por ter sido a minha base, meu exemplo, o melhor pai do mundo. Por seus esforços em conseguir uma melhor educação para suas filhas. E à minha mãe, **Ana Maria dos Santos Germano**, por todas as palavras de motivação, companheirismo, por ser um porto seguro nas horas de angústias, e por quem tenho maior admiração pela pessoa que és e pelo que representa para mim. A vocês dois minha gratidão pelo que fizestes e tem feito por mim.

Ao meu esposo **Karl Marx Verissimo de Souza**, por todo carinho, compreensão, motivação, companheirismo e amor. Você foi à pessoa que compartilhou comigo os momentos de tristezas e alegrias. Além deste trabalho, dedico todo meu amor a você.

À minha irmã **Haline dos Santos Germano** que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades, preocupando-se até com os problemas pessoais pelos quais passei durante esse período de construção do TCC. Obrigado por contribuir com tantos ensinamentos, tanto conhecimento, tantas palavras de força e ajuda. Espero um dia chegar ao seu nível.

A **Vicente Cândido** pelas noites em claro e por ter sido fundamental neste estudo, contribuindo com suas formatações e dicas.

À professora Dra. **Izayana Pereira Feitosa**, por aceitar participar de minha banca examinadora.

À professora MSc. **Vanille Valério B. P. Cardoso**, pelos relatos de experiências em sala de aula, que foram tão importantes para minha vida acadêmica/pessoal. E contribuíram para o um novo olhar profissional e também por aceitar participar de minha banca examinadora.

A todos os **professores** do curso de Bacharelado em Nutrição Campus Cuité, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia. Aos amigos e colegas, pelo incentivo e pelo apoio constantes. Em especial as “nutrisPicuí” **Juliete Oliveira** (que sempre esteve ao meu lado me ajudando), **Rayane Lucena, Alzira Hermana, Nayara Sousa, Rita de Cássia e Vanessa Nogueira**, companheiras de estudos e viagens durante a longa jornada acadêmica.

À **minha família** avó, tios(as), primos(as), cunhados(as), sogro e sogra por terem me apoiado mesmo estando longe.

As **professoras de educação infantil** do município de Picuí-PB, pela prontidão e gentileza em participar como sujeitos de pesquisa e pela confiança em prestar seus depoimentos. Condições que tornaram viável a realização desta monografia.

À **Amarides Dias**, Secretária de Educação no Município de Picuí-PB, pela liberação desta pesquisa nas escolas pesquisadas.

As diretoras **Ubenice, Rosângela e Elaine** por abrirem as portas para entrevistar seu corpo docente.

À **Célia Maria dos Santos** por ter sido fundamental no meu processo de estágio, pela força e coragem.

À **Andreza Agda Dantas** pela amizade, compreensão e companheirismo ao longo da construção deste trabalho.

Aos amigos e amigas pelas alegrias e tristezas compartilhadas.

RESUMO

GERMANO, H. S. **O que pensam os educadores sobre a alimentação saudável? Um estudo de caso em escolas de educação infantil no município de Picuí/PB.** 2015. 55f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Nutrição) – Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, 2015.

A fase da infância apresenta importantes aspectos para a formação de hábitos e práticas comportamentais em geral, e especificamente alimentares. Trata-se de um processo que se inicia nesta fase e se estende por todas as demais fases do ciclo de vida. Considerando a importância da escola como espaço propício à formação de hábitos alimentares saudáveis em construção da cidadania e os professores, atores-chaves desse processo, que atuam como facilitadores da articulação entre teoria e prática. Enquanto profissionais, que procuram levantar tais discussões no ambiente escolar, como poderíamos ter acesso a estas questões? As autobiografias, como estratégias de reflexão sobre o processo formativo, vêm sendo alvo de muitos estudos. É fundamental refletir a respeito da história de vida dos educadores infantis, com o objetivo de compreender sua relação com o tema da alimentação saudável na prática pedagógica. Experiências passadas ao longo de nossas vidas são particularmente decisivas para a constituição do que nos tornamos e do que somos. Tais questões podem interferir na maneira como os professores constroem seu fazer pedagógico. O objetivo deste trabalho foi compreender a relação dos educadores infantis com o tema da Alimentação Saudável. A pesquisa foi realizada nas três escolas de educação infantil no Município de Picuí-PB, junto às 28 educadoras. Tratando-se de uma pesquisa transversal e qualitativa, utilizou-se como ferramenta a entrevista narrativa e o material foi analisado pela metodologia proposta por Schütze. Diante dos resultados foi possível perceber, a ótica que as educadoras têm sobre alimentação saudável condiz com o acesso à informação sobre esta temática. Por elas compreenderem que o gesto é formador do sujeito, procuram levar para sala de aula a referida temática através do: Projeto de Alimentação Saudável, que inserido nele encontra-se a contação de histórias baseada no tema e as experiências vivenciadas pelas educadoras na infância deixam evidente, que a família é parte fundamental para concretização desta educação alimentar em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVES: Histórias de Vida . Promoção da Alimentação Saudável nas Escolas. Educação

ABSTRACT

GERMANO, H. S. **What do you think educators on healthy eating? A case study in elementary schools in the municipality of Picuí/PB.** 2015. 55f. Completion of course work (undergraduate Nutrition) - Federal University of Campina Grande, Cuité, 2015.

The childhood phase presents important aspects for the formation of habits and behavioral practices in general, and specifically food. This is a process that starts in this phase and extends for all the other phases of the life cycle. Considering the importance of school as a space conducive to the formation of healthy eating habits in building citizenship, and teachers, key actors in this process, which act as facilitators of the relationship between theory and practice. How could we, as professionals seeking to raise such discussions in the school environment, access such issues? Autobiographies as reflection strategies on the training process, have been the subject of many studies. It is essential to reflect on the life story of early childhood educators in order to understand their relationship to the subject of healthy eating, in pedagogical practice. Past experiences throughout our lives are particularly decisive for the formation of what we have become and what we are. Such issues may interfere with the way teachers build their teaching do. The objective of this study was to understand the relationship of early childhood educators with the topic of Healthy Eating. The survey was conducted in three school kindergarten in the city of Picuí-PB, with the educators case of a cross and qualitative research, we used as the narrative interview tool and the material was analyzed by the methodology proposed by Schütze. Based on the results it was revealed, the perspective that educators have about healthy eating is consistent with access to information is subject. Because they understand that the gesture is subject of the trainer, seek to bring to the classroom to that theme through: Healthy Eating Project, which built into it is a storytelling based on the theme and the experiences lived by the educators in childhood leave Clearly, the family is a fundamental part to build this nutrition education in the classroom.

KEYWORDS: Life Stories. Promoting healthy eating in schools. Education

LISTA DE SIGLAS

EAN- Educação Alimentar e Nutricional.

PNAN – Política Nacional de Alimentação e Nutrição.

PAS – Promoção da Alimentação Saudável.

FLV – Frutas, Legumes e Verduras.

PNAE – Programa Nacional da Alimentação Escolar.

FNDE – Fundo Nacional Direito Escolar.

DHAA – Direito Humano à Alimentação Adequada.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	OBJETIVOS.....	15
	2.1 OBJETIVO GERAL.....	15
	2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	15
3	REVISÃO DA LITERATURA.....	16
	3.1 PROMOÇÃO DE ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NAS ESCOLAS	16
	3.2 A IMPORTÂNCIA DO EDUCADOR NA PROMOÇÃO DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL.....	18
	3.3 HISTÓRIAS DE VIDA E ALIMENTAÇÃO.....	20
4	METODOLOGIA.....	24
	4.1 TIPO DA PESQUISA.....	24
	4.2 CAMPO DE ESTUDO	24
	4.3 PROCEDIMENTO DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	24
	4.4 ANÁLISE DA COLETA.....	25
	4.5 ASPECTOS ÉTICOS.....	26
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	27
	5.1 O QUE É ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL PARA OS EDUCADORES?.....	27
	5.2 O PASSADO QUE HÁ NO PRESENTE: A ALIMENTAÇÃO NA INFÂNCIA E A PRÁTICA ALIMENTAR HOJE.....	34
	5.3. PROFESSOR E A PROMOÇÃO DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NO AMBIENTE ESCOLAR: PERSPECTIVAS.....	38
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
7	.REFERÊNCIAS	47
8	APÊNDICE	52
	A. ENTREVISTA NARRATIVA:.....	52
	B. MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	53
	C. ARTIGO PARA PUBLICAÇÃO NA REVISTA EDUCAÇÃO (PORTO ALEGRE) ...	55

1 INTRODUÇÃO

A promoção da saúde é considerada uma estratégia importante no âmbito da Saúde Coletiva. Uma das estratégias mais efetivas que contribuem para a promoção da saúde é a combinação de apoio educacional, envolvendo dimensões não só individuais, mas também organizacionais e coletivas, visando, dessa forma, atingir ações e condições de vida conducentes à saúde (YOKOTA et al.; 2010).

Promover uma alimentação saudável é uma das formas de promover saúde. Neste âmbito a Educação Alimentar e Nutricional (EAN) tem um papel de relevância. EAN é um campo de conhecimento e de prática contínua e permanente, transdisciplinar, intersetorial e multiprofissional que visa promover a prática autônoma e voluntária de hábitos alimentares saudáveis. A prática da EAN quando se vale de abordagens e recursos educacionais problematizadores e ativos favorece o diálogo junto a indivíduos e grupos populacionais de todas as faixas etárias (BRASIL, 2012).

Quando essas intervenções, de promoção da alimentação saudável (PAS), são inseridas na vida do sujeito ainda na infância, os resultados parecem ser mais efetivos (PINTO, 2010). É a fase da infância em que são formados importantes aspectos do hábito alimentar. Inserida no contexto educacional, a criança começa a formar e internalizar os padrões alimentares, em termos de escolha e quantidade de alimentos, horário e ambiente das refeições. Trata-se de um processo que se inicia na infância e se estende por todas as demais fases do ciclo de vida humano (YOKOTA et al.,2010).

Nesse contexto, a escola, como um espaço dedicado ao aprendizado, deve estar atenta ao seu papel como promotora da alimentação saudável, sendo incentivadora de hábitos mais saudáveis. Nesse sentido, a educação alimentar e nutricional pode ser considerada um componente decisivo na promoção de saúde (YOKOTA et al.,2010).

Portanto, considerando a importância da escola como espaço propício à formação de hábitos alimentares saudáveis, foi publicada, em 08 de maio de 2006, a portaria interministerial nº. 1010 que instituiu as diretrizes para a promoção da alimentação saudável nas escolas de educação infantil, reforçando a abordagem da promoção da saúde e da alimentação saudáveis nas atividades curriculares das escolas (BRASIL, 2006c).

Todavia, para que atividades desta natureza obtenham sucesso na escola, os professores, atores-chaves desse processo, precisam sentir-se capacitados em relação à temática, para procurar incorporá-lo ao seu fazer pedagógico (MAYER; WEBER, 2013).

Como este profissional compreende o tema da alimentação? Como obtém conhecimentos relativos à alimentação: pela vivência pessoal ou a partir de cursos de formação? Ou ainda: sente-se despreparado para dialogar com esta questão? Como insere ou poderia inserir esse tema no seu fazer pedagógico? Será que o tema o incita a relação com a vivência do cotidiano escolar? Essas são as perguntas que guiaram esta pesquisa.

Como poderíamos, enquanto profissionais que procuram levantar tais discussões no ambiente escolar, acessar tais questões? As autobiografias como estratégias de reflexão sobre o processo formativo descritas por Josso (2004), vêm sendo alvo de muitos estudos. É fundamental refletir a respeito da história de vida dos educadores infantis com o objetivo de compreender sua relação com o tema da alimentação saudável na prática pedagógica.

Experiências passadas ao longo de nossas vidas são particularmente decisivas para a constituição do que nos tornamos e do que somos. Tais questões podem interferir na maneira como os professores constroem seu fazer pedagógico. Esta afirmação é verdadeira, também, ao pensarmos no educar para alimentação, se pensarmos, sobretudo, que nossas práticas do hoje são construídas a partir das nossas vivências do passado. Como mostra Boog (2013), o que somos hoje reflete bastante o que vivemos e as experiências do cotidiano.

Portanto, o objetivo deste trabalho é compreender a relação dos educadores infantis com o tema da Alimentação Saudável.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender a relação dos educadores infantis com o tema da Alimentação Saudável

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Conhecer aspectos da história de vida alimentar dos educadores
- ✓ Conhecer a compreensão atual dos educadores sobre a ideia de alimentação saudável
- ✓ Relacionar aspectos da alimentação na infância com a prática do educador hoje

3 REVISÃO DA LITERATURA

3.1 PROMOÇÃO DE ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NAS ESCOLAS

A crescente modernização e urbanização ocorrida no cenário brasileiro levou a mudanças no estilo de vida e nos hábitos alimentares da população, o que favoreceu o desenvolvimento de doenças crônicas não-transmissíveis, como a obesidade infantil (SCHMITZ et al., 2008).

A obesidade infantil é um problema de saúde que acomete principalmente crianças em idade escolar. Por isso, o atendimento infantil operacionalizado por meio de creches públicas pode contribuir de maneira positiva para o crescimento e o desenvolvimento das crianças. Neste sentido, o ambiente escolar exerce um papel preventivo em relação à desnutrição e ao sobrepeso na medida em que associam a educação com o cuidado básico à saúde, alimentação e higiene (SILVA et al., 2010).

A escola também pode ser um espaço de promover saúde. Segundo estudo realizado por Neto e Grace (2013), a escola exerce grande influência sobre a criança no que se refere à decisão de compra de alimentos: ficando apenas depois da família, mas, ainda, inclusive, na frente da mídia, em níveis de influência. O ambiente escolar é considerado, por isso um espaço profícuo para o desenvolvimento de ações voltadas à promoção de saúde, pois permite não só que tais ações sejam implementadas desde a educação infantil, de forma contínua e por longo período, como também por permitir a inclusão da comunidade familiar e escolar neste processo (WALZEM, 2008; SILVA, 2008; JUZWIAK; CASTRO; BATISTA, 2013).

A educação, voltada para a Promoção da Saúde, é um dos elementos fundamentais nesse processo, devendo-se considerar as atividades dirigidas na transformação dos comportamentos, focados nos estilos de vida, sua relação com a família e o meio social de promoção (SILVA et al., 2011).

Neste âmbito está a EAN. O autor Walzem (2008) assevera que práticas de EAN proporcionam o uso de abordagens e recursos educacionais problematizadores e ativos que beneficiam o diálogo junto a indivíduos e grupos populacionais, levando em consideração todas as fases do rumo da vida, etapas do sistema alimentar e as interações e significados que compõem o comportamento alimentar.

Tais atividades da alimentação e estilo de vida saudável para crianças e adolescentes têm se tornado prioridade em políticas de saúde em todo o mundo,

principalmente diante do panorama de transição epidemiológica, nutricional e demográfica (JUZWIAK; CASTRO; BATISTA 2013).

Conforme o Guia Alimentar para a População Brasileira, a promoção da alimentação saudável tem como finalidade a ampliação e a formação da autonomia decisória dos indivíduos e grupos, os quais podem ser favorecidos pelo acesso à informação sobre a escolha e a adoção de práticas alimentares saudáveis, sendo gradualmente construído na infância (BRASIL, 2014).

Partindo desse pressuposto, o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), desde 2003, vem realizando ações no âmbito do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que atuam na educação permanente para a promoção de segurança alimentar e nutricional e do Direito Humano a Alimentação Adequada, com alcance a mais de 65.000 indivíduos, como conselheiros da alimentação escolar, nutricionistas, gestores, cozinheiros e docentes (BRASIL, 2011).

O PNAE objetiva incorporar ações com o tema alimentação e nutrição no contexto escolar, com ênfase na alimentação saudável e na promoção da saúde, reconhecendo a escola como um espaço propício à formação de hábitos saudáveis e à construção da cidadania, levando em consideração que o ambiente escolar pode e deve ter função pedagógica ao tratar do tema da alimentação, devendo esse estar inserido no contexto curricular (BRASIL, 2006).

Nesse sentido foi instituído no âmbito dos Ministérios da Educação e da Saúde, a Portaria Interministerial de nº 1.010, de 8 de maio de 2006, a qual estabelece as diretrizes para a Promoção da Alimentação Saudável nas Escolas de educação infantil, fundamental e nível médio das redes públicas e privadas, em âmbito nacional (BRASIL, 2006c).

A portaria define alguns eixos prioritários referentes à promoção da alimentação saudável nas escolas:

- I - Ações de educação alimentar e nutricional, considerando os hábitos alimentares como expressão de manifestações culturais regionais e nacionais; II - Estímulo à produção de hortas escolares para a realização de atividades com os alunos e a utilização dos alimentos produzidos na alimentação ofertada na escola; III - Estímulo à implantação de boas práticas de manipulação de alimentos nos locais de produção e fornecimento de serviços de alimentação do ambiente escolar; IV - Restrição ao comércio e à promoção comercial no ambiente escolar de alimentos e preparações com altos teores de

gordura saturada, gordura trans, açúcar livre e sal e incentivo ao consumo de frutas, legumes e verduras; e V - Monitoramento da situação nutricional dos escolares (BRASIL, 2006c).

Observa-se a complementaridade no que assegura à política governamental e de Estado, referente ao fortalecimento e promoção da alimentação saudável nas escolas. Por decreto presidencial no domínio dos Ministérios da Educação e da Saúde, foi instituído o Programa Saúde na Escola (PSE), em dezembro de 2007, com finalidade de contribuir para a formação integral dos estudantes da rede pública de educação básica por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde (BRASIL, 2007; PINTO et al., 2010).

As ações previstas no PSE em saúde consideram a atenção, promoção, prevenção e assistência, dentre as quais estão: Avaliação clínica; Avaliação nutricional; Promoção da alimentação saudável; Inclusão das temáticas de educação em saúde no projeto político pedagógico das escolas; Educação permanente em saúde; Atividade física e saúde (BRASIL, 2007).

Percebe-se que configurando-se a escola em um ambiente propício ao desenvolvimento de programas de educação em saúde - incluindo programas de educação nutricional que devem consistir em processos ativos, lúdicos e interativos, no qual favoreçam mudanças de atitudes e de práticas alimentares - alguns meios institucionais, legais, já foram acionados para garantir a exploração deste potencial. O que resta saber é como essas demandas são tratadas o âmbito do fazer, junto à comunidade escolar.

Uma das premissas apontadas como centrais é o relevo do educador nesse processo: o Professor é um agente fundamental para desenvolver a efetivação das práticas no âmbito da EAN (SCHMITZ et al. 2008).

3.2 A IMPORTÂNCIA DO EDUCADOR NA PROMOÇÃO DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL.

O educador é um indivíduo com grande influência nas práticas de promoção da alimentação saudável já que interage com a criança durante muitas horas do dia participando de muitos momentos importantes nessa fase da vida (SOUZA, 2008).

No entanto, a promoção da alimentação saudável não é uma tarefa fácil e envolve diferentes aspectos que precisam ser considerados, como o conhecimento do

educador acerca da temática e a aceitação de novas abordagens que insiram a alimentação saudável dentro dos assuntos das disciplinas habituais.

Fala-se hoje da importância de tomar a educação alimentar como tema transversal a todas as abordagens feitas em sala de aula. Isto também exige dos profissionais educadores algum conhecimento sobre alimentação e nutrição. No entanto, tal tarefa inicia um duplo desafio: educadores e educandos se deparam com o novo. Como abordar temas que muitas vezes são pouco claros para o próprio educador? Como instigar o educando para que aceite o novo? Esses são desafios encontrados quando se tem disciplinas que podem proporcionar uma visão diferente da abordagem do cotidiano, levando a inserir a promoção de alimentação saudável.

Estudo realizado por Juzwiak, Castro e Batista (2013) ressaltou que é essencial que o educador tenha informação sobre o assunto por meio de cursos de atualização e de materiais didáticos. Além disso, acredita-se que o educador deva estar comprometido com a busca ativa do direito ao acesso a uma alimentação saudável para si e para a coletividade, da valorização da alimentação saudável no cotidiano escolar e do conhecimento pertinente, isto é, de conhecimentos de aspectos técnicos e sociais da alimentação que possibilitem trabalhar com esse tema além do senso comum (BOOG, 2008).

Um estudo realizado por Pinto e colaboradores (2010), em uma escola de Natal-RN, mostrou resultados positivos ao instigar os educadores a fazerem a ligação do assunto programado com o tema de alimentação, procurando sempre esta conexão do ensino habitual com a EAN. Nesta perspectiva, as estratégias pedagógicas propiciam discussões, problematizações, reflexões das consequências de escolhas no plano individual e social.

Além disso, são válidas as experiências, ligadas à alimentação, criadas dentro do próprio ambiente escolar. Segundo Piaget (1972), a criança passa de um nível de conhecimento para outro, por meio de contínuas experiências. Uma a uma, as ações irão possibilitar mais aquisições e novas formas de organizar internamente o que já foi experimentado.

O trabalho desenvolvido no município de Florianópolis pela Coordenadoria de Alimentação Escolar junto à Secretaria Municipal de Educação, desde 2001 desenvolvem um trabalho de educação alimentar e ambiental, com o projeto “Horta Viva”, levando diversas atividades a mais de 66 unidades escolares da rede pública de ensino. Dentro deste projeto destaco uma das atividades: oficinas culinárias com a

utilização de alimentos colhidos na própria horta. Este projeto vem fazendo com que o conhecimento despertem os alunos e levem para suas famílias (MORGADO; SANTOS, 2008).

É preciso também considerar como ponto de partida a realidade social e histórica em que tanto a criança como o educador estão inseridos e juntos desenvolverem a construção da identidade e da autonomia no que diz respeito ao conhecimento. Partindo desse pressuposto, o educador junto à escola tem função de oferecer condições para que a criança compreenda o mundo em que vive, assumindo, assim, um caráter crítico e construtivo sobre alimentação saudável, principalmente nessas fases iniciais que são marcantes no desenvolvimento humano (PINTO et al., 2010). Lembrando de incluir neste processo os outros membros da comunidade escolar. Sobretudo, a família.

Antes, todavia, de dizer o que professor pode ou deve fazer é importante também perguntar-se sobre o ponto de partida do educador, em relação a este tema: de onde ele vem e/ou o que o constituiu como sujeito em relação às suas vivências alimentares? É isso que o trabalho com histórias de vida tenta responder.

3.3 HISTÓRIAS DE VIDA E ALIMENTAÇÃO

O estudo com as histórias de vida persegue a ideia de que as ações do hoje guardam relação com a formação (sobretudo a não formal) do sujeito ao longo da vida. Utilizar esta ideia como método nesta pesquisa, portanto, admite que as vivências alimentares do educador, atuam na construção da ideia de alimentação desses sujeitos. Assim, seria pouco frutífero falar da necessidade da promoção da alimentação saudável a partir desses sujeitos, quando sequer sabemos qual a ideia de alimentação saudável que foi construída para/por eles ao longo da vida. Assim como o aluno na educação não-bancária não chega como uma página em branco aos bancos escolares, tampouco os professores. O que, portanto, eles entendem sobre alimentação? As histórias de vida tentam fornecer uma resposta a esta questão.

A história de vida foi introduzida por W. I. Thomas e F. Znaniecki, integrantes da Sociologia, no início do século XX, onde os mesmos utilizavam a compreensão das condições sociais de trabalho como instrumento de conscientização e de formação. No entanto, a Segunda Guerra Mundial teve fim, dando lugar a metodologia de abordagens quantitativas tendo em vista o paradigma técnico-científico. Nos anos

60, os métodos qualitativos hegemônicos foram retomados e mobilizados por grandes filósofos, antropólogos, sociólogos (BOOG, 1988).

No Brasil, este método é inserido sob as influências da história oral. Pode-se marcar o seu ingresso, na década de 60, com o programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Fundação Getúlio Vargas, com o intuito de colher depoimentos da elite política nacional, definindo produções e expansão na década de 90 (SOUZA, 2006).

A história oral nasceu para valorizar as memórias de indivíduos, resgatando a tradição oral e buscando a variante de experiências vividas por atores sociais que a história tradicional deixou à margem. Sendo assim, do mesmo modo que a biografia é ferramenta da pesquisa qualitativa, a metodologia da história de vida está essencialmente ligada a ela (PAULILO, 1999).

Desta forma, apresenta-se como uma importante opção ao sugerirmos ouvir e analisar aspectos da história de vida de pessoas, as quais creditamos, enquanto sujeitos, uma preciosa contribuição para o entendimento da realidade investigada (CORRÊA; GUIRAUD, 2009).

A história de vida ou dos depoimentos orais, como recurso metodológico e pesquisa, se ocupa em conhecer e aprofundar conhecimento sobre determinada realidade, recuperando experiências de vida obtidas através de conversas com pessoas, por meio de entrevistas que, ao focalizarem lembranças pessoais, constroem também uma visão mais concreta [...] das várias etapas, [...] de um sujeito na pesquisa, ponderando esses fatos pela sua importância em suas vidas (CORRÊA; GUIRAUD, 2009, pág. 280)

A referida metodologia vem ganhando popularidade no campo científico, em distintas áreas de atuação. No campo da educação, diversos movimentos vêm se constituindo, desde o início dos anos 90, com a utilização do método autobiográfico e com as narrativas de formação. Diversos autores vêm realizando este estudo, a exemplo de Pinto, que utiliza este método em um trabalho pedagógico, empenhado na formação de nutricionistas, com a utilização das autobiografias alimentares ou reminiscências, como denomina Boog (2013) ao comentar o trabalho daquela autora (SOUZA, 2006; PINTO, 2006).

As reminiscências são recordações, memórias de fatos relativos à alimentação, que julgam um importante papel nas mudanças na forma de agir, pensar e sentir. Rememorar é refletir sobre o vivido a partir do olhar do presente (BOOG, 2013).

Através da história de vida pode-se captar o que acontece no encontro do individual com o social, assim como permite que elementos do presente se misturem com recordações passadas. Portanto, a vida vista de forma retrospectiva leva-nos a uma visão total de seu conjunto e é no tempo presente que torna possível uma compreensão mais aprofundada do momento passado (PAULILO, 1999).

Boog (2013) assevera que determinadas experiências, pelas quais passamos na nossa vida, são determinantes para a construção do que nos tornamos e do que somos. A rememoração de uma vivência passada, analisada aos olhos do presente, consegue estabelecer uma relação com o que somos hoje, com o que fazemos ou deixamos de fazer.

A mesma autora apresenta um relato de experiência com um grupo de professores de educação infantil e ensino básico, em que faz proposta de estratégias para empregar essa técnica com reminiscências alimentares, compartilhamento de experiências positivas, associações livres e vivências alimentares.

A autobiografia alimentar "é a essência da própria história". O que vivenciamos, aprendemos e até desaprendemos, ao longo da nossa vida, é o que nos leva a crer no que é certo e/ou se o que estamos fazendo é certo, na nossa cultura, na sociedade onde vivemos e para nossa vida (ONFRAY, 1990).

O resgate da história de vida de uma pessoa pode ser impulsionado para despertá-lo de uma nova vivência no campo pessoal e profissional. Sendo assim, a história de vida pode ser utilizada como uma ferramenta capaz de transformar representações que o indivíduo tem, inclusive aquelas referentes a si mesmo, visto que, não existe realidade objetiva, mas que toda realidade é representada e que essa representação é, também, susceptível à transformação (PINTO, 2006).

A vivência cotidiana apresenta-se como uma mediação enriquecida de promessas para o conhecimento e as educações individuais e coletivas. Portanto, nesta pesquisa, as histórias de vida foram utilizadas junto a educadores com o intuito de desenvolver reflexões sobre suas vivências alimentares, que nos levará a uma via de acesso ao tema de promoção da alimentação saudável inserida no projeto pedagógico. O que aqueles que são formadores e que deveriam trabalhar o tema em

sala de aula pensam sobre sua vivência pessoal com a temática? O que se propõe, portanto, é um exercício da reflexão sobre a formação dos formadores.

Uma ideia central guiou esta pesquisa: aquela que compreende as histórias de vida como um instrumento disparador de processos reflexivos que nos auxiliam na compreensão de hábitos e práticas de hoje.

O estudo, assim, foi respaldado nas obras de Marie-Christine Josso, que apresentam, em sua maioria, escritos ligados à história de vida. No livro *Experiências de vida e formação*, a autora enfatiza a narrativa de vida como a passagem de uma tomada de consciência da formação do sujeito para a emergência de um sujeito da formação (JOSSO, 2004).

Ao longo de sua trajetória essa autora tem dedicado os seus estudos às biografias como projeto de autoconhecimento e formação, através de sua contribuição principal das histórias de vida como metodologia de pesquisa-formação, ou seja, como metodologia onde a pessoa é ao mesmo tempo objeto e sujeito de formação.

No prefácio da obra, António Nóvoa reforça a ideia preconizada pela autora de que todo o conhecimento é autoconhecimento. Neste contexto, o formador forma a si próprio, a partir de quatro grandes instâncias: a primeira, por meio da reflexão sobre os seus percursos pessoais e profissionais (autoformação); a segunda, na relação com os outros, numa aprendizagem conjunta que faz apelo à consciência, aos sentimentos e às emoções (heteroformação); a terceira, por intermédio das coisas (saberes, técnicas, culturas, artes, tecnologias); e, por fim, a compreensão crítica (ecoformação) (JOSSO, 2004).

Ainda sobre esse assunto, Josso (2004) enfatiza que o trabalho de narrativa de vida se oferece como a passagem de uma tomada de consciência da formação do sujeito para a emergência de um sujeito da formação por meio da mediação de uma reflexão crítica sobre a forma de pensar o seu itinerário experimental e existencial.

Nessa perspectiva, o método das histórias de vida é uma ferramenta indispensável para o estudo da questão das reminiscências alimentares de educadores em relação à sua formação e práticas em sala de aula.

4 METODOLOGIA

4.1 TIPO DA PESQUISA

Tratou-se de um estudo transversal, exploratório e descritivo com abordagem qualitativa. O estudo exploratório é geralmente utilizado na fase preliminar da pesquisa e objetiva proporcionar mais informações sobre o assunto que será investigado, possibilitando sua definição e seu delineamento. Isso facilita a demarcação do tema da pesquisa. Na pesquisa descritiva os dados são observados, registrados, analisados e ordenados sem interferência ou manipulação do pesquisador (PRODANOV; FREITAS, 2013).

A abordagem qualitativa parte da ideia de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito ela compreende que relação, como um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, não pode ser revelada apenas por números, mas deve deixar espaço para que essa subjetividade emergja (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010).

4.2 CAMPO DE ESTUDO

A pesquisa foi desenvolvida nas três escolas de educação infantil – Centro de Ensino Infantil Marta Maria de Medeiros Casado, Creche Marivalda Cassimiro e Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria do Socorro Farias de Macedo – na zona urbana do município de Picuí-PB. Foram entrevistadas 28 educadoras, porém citamos apenas 15 por causa da saturação das falas. Escolhemos as escolas da zona urbana pelo fácil acesso às escolas e a boa receptividade dos gestores e educadores, tornando o lugar mais conveniente para a pesquisa.

4.3 PROCEDIMENTO DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Utilizamos como metodologia de coleta de dados a entrevista narrativa, que é definida por Bauer e Gaskell (2007) como uma situação que encoraja e estimula o entrevistado a contar uma história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social, tendo como conceito base a reconstrução de acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, o mais diretamente possível.

A entrevista narrativa é processada em quatro fases, partindo da iniciação, segue para narração e fase de questionamento e finalizando com a fase da fala conclusiva (BAUER; GASKELL, 2007).

O pesquisador precisa, antes de iniciar a entrevista, criar familiaridade com o campo de estudo, buscar relatos informais, ler documentos procurar fontes de conhecimento. Na primeira fase, o pesquisador irá explicar brevemente o procedimento da entrevista ao informante e lançará o tópico inicial da pesquisa (APÊNDICE A).

Na segunda fase, narração central, começa, de fato, a narração. O entrevistador, durante essa fase, não faz perguntas e se abstém de qualquer comentário. Restringe-se apenas encorajamento não-verbal e à escuta ativa. No momento em que o informante sinaliza o fim de sua narrativa, o entrevistador deve questionar se isso é tudo que o entrevistado gostaria de contar.

A terceira fase, a fase do questionamento, é o momento que a escuta do entrevistador produz frutos com base nas questões exmanentes¹, elaboradas previamente, o entrevistador lança as questões imanentes².As fases 1, 2 e 3 são gravadas, e em seguida transcritas literalmente, com o consentimento do informante.

A quarta fase é a fala conclusiva. Acontece com o gravador desligado, pois o entrevistado estará mais descontraído para trazer elementos que talvez não viessem a mencionar de outra maneira. É aconselhável, a fim de não perder esta importante informação, ter um diário de campo, ou um formulário especial para sintetizar a fala imediatamente depois da entrevista. A análise ocorrerá, conforme já mencionado, a partir da transcrição das entrevistas gravadas. É favorável para se ter uma boa compreensão do material, uma transcrição detalhada.

4.4 ANÁLISE DA COLETA

A metodologia utilizada para analisar os dados foi a proposta por Schütze (BAUER; GASKELL, 2007).

A proposta de Schütze compõe seis passos para análise das narrativas: o primeiro passo é uma transcrição detalhada de alta qualidade de material verbal; o

¹ As questões exmanentes referem-se às questões de interesse do pesquisador que surgem a partir da sua aproximação com o tema do estudo, ao elaborar a revisão de literatura e aprofundamento no tema a ser pesquisado (MUYLAERT et. al, 2014).

² As questões imanentes são temas e tópicos trazidos pelo informante, sendo elas transformadas a partir das questões exmanentes pelo entrevistador (MUYLAERT et. al, 2014).

segundo implica uma divisão do texto em material indexado e não indexado, ou seja, proposições indexadas são: quem faz o que, quando, onde e por quê; e as não indexadas vão além dos acontecimentos e expressam valores, podendo ser de dois tipos: argumentativas e descritivas; o terceiro passo faz uso de todos os componentes indexados do texto para analisar o ordenamento dos acontecimentos para cada indivíduo, cujo autor da proposta chama de "trajetórias"; no quarto passo, as dimensões não indexadas são investigadas como análise do conhecimento; no quinto passo compreende o agrupamento e a comparação entre as trajetórias individuais; o que nos leva ao sexto passo, no qual através de uma última comparação de casos, as trajetórias individuais são colocadas dentro do contexto e semelhanças são estabelecidas.

4.5 ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa foi realizada em acordo com o que preconiza a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre a ética relacionada à pesquisa que envolve seres humanos, direta ou indiretamente, certificando, entre outros pontos, a garantia ao direito à privacidade dos sujeitos. Esses tiveram seus discursos identificados por nomes abstratos, como forma de preservar a identidade, contemplando assim, o que preconiza os direitos sobre os princípios éticos, como: beneficência, respeito e justiça (BRASIL, 2012).

As informações sobre a pesquisa foram descritas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual foi entregue aos participantes para atestarem, por meio de assinatura, sua voluntariedade na participação da pesquisa. Após lido e assinado, o TCLE foi entregue em duas vias, sendo uma de posse do participante e a outra do responsável pela pesquisa. Os participantes tiveram a segurança do anonimato bem como o sigilo de dados confidenciais diante da publicação dos resultados. Uma vez apresentado os resultados, seus nomes foram substituídos por pseudônimos, representados por nomes de flores. As falas estão em itálico, no tamanho 10 recuada à direita entre aspas e com espaçamento simples.

O presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e iniciado após autorização do mesmo. Número do CAEE: 49795715.5.0000.5182.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 O QUE É ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL PARA OS EDUCADORES?

O conceito de alimentação saudável muda em diferentes contextos históricos, a partir de diferentes formas de construção social. A alimentação é uma prática social, resultante da integração das dimensões biológica, sociocultural, ambiental e econômica (BRASIL, 2012; MAESTRI, 2014; AZEVEDO, 2008).

No presente estudo, pôde-se observar que a concepção de alimentação saudável na ótica dos professores é baseada no consumo de frutas, verduras, arroz, feijão e carne. Opõem-se à ideia de alimentação saudável os alimentos industrializados e aqueles que no seu cultivo são tratados com agrotóxicos. Além disso, apesar de reconhecerem a alimentação saudável como um tema de relevo, avaliam que não têm uma boa alimentação, apesar de suas tentativas.

A tríade “frutas, legumes e verduras” (FLV) é utilizada para enfatizar a importância da variedade alimentar. Segundo Brasil (2008), esses grupos de alimentos devem ser parte importante das refeições e não somente lanches ocasionais.

O conceito supracitado é evidenciado na fala de Açafrão:

“eu sempre estou falando que a comida saudável é frutas, verduras...”

Comer uma variedade de FLV garante, seguramente, uma adequada ingestão da maior parte dos micronutrientes, fibras e uma gama de fatores nutricionalmente essenciais. Além disso, o aumento do consumo de FLV pode ajudar a substituir alimentos que possuem altas concentrações de gorduras saturadas, açúcar e sódio (GOMES, 2007).

As FLV são ricas em vitaminas, minerais e fibras devem estar presentes diariamente nas refeições, pois contribuem para a proteção à saúde e diminuição do risco de ocorrência de várias doenças. Por outro lado, uma alimentação baseada só em frutas, legumes e verduras não garante proteção contra a deficiência de energia e proteínas, o que exige a presença de outros grupos alimentares na alimentação diárias (BRASIL, 2008). O que destaca Anêmona:

“Ah hoje em dia na minha casa assim, gosto muito de comer frutas, feijão, tem que ter feijão, o arroz a mistura sempre é carne, um frango e assim verduras e legumes, sempre não falta na minha”

mesa, eu gosto muito, apesar da minha família ter uma resistência quanto a isso, mais eu minha pessoa, eu gosto muito”

Assim, alimentação saudável vai além do consumo de FLV ou mesmo além do consumo: envolve todo sistema alimentar, do plantio ao descarte. De acordo com a Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN), outras variáveis devem ser consideradas na construção da ideia de alimentação saudável. O conceito de segurança alimentar que, anteriormente, era limitado ao abastecimento, na quantidade apropriada, foi ampliado, incorporando também o acesso universal aos alimentos, o aspecto nutricional e, conseqüentemente, as questões relativas à composição, à qualidade e ao aproveitamento biológico.

Entende-se por alimentação adequada e saudável a prática alimentar apropriada aos aspectos biológicos e socioculturais dos indivíduos, bem como ao uso sustentável do meio ambiente. Ou seja, deve estar em acordo com as necessidades de cada fase do curso da vida e com as necessidades alimentares especiais; referenciada pela cultura alimentar e pelas dimensões de gênero, raça e etnia; acessível do ponto de vista físico e financeiro; harmônica em quantidade e qualidade; baseada em práticas produtivas adequadas e sustentáveis com quantidades mínimas de contaminantes físicos, químicos e biológicos (PNAN, 2013. Pág 31).

Ainda sobre este assunto, o Guia Alimentar da População Brasileira defende que a alimentação não diz respeito à ingestão de nutrientes, mas de alimentos que contêm e fornecem esses nutrientes. Portanto, como os alimentos são plantados e cultivados, combinados entre si e preparados, a características do modo de comer e as dimensões culturais e sociais das práticas alimentares, são aspectos que influenciam a saúde e o bem-estar (BRASIL, 2014).

A educadora Ciclâmen toca um pouco nessas questões quando fala sobre a variação de técnicas culinárias no preparo das refeições e do relevo dos alimentos não industrializados na alimentação de sua família.

Quando pequena minha alimentação sempre foi assim dita normal, café da manhã com frutas, almoço com salada de verdura crua, cozida, na minha casa a gente nunca se alimentou de biscoito, pipoca. comida semi pronta, essas coisas não,(...) sempre são comidas cozidas mesmo em casa normalmente, suco de fruta”.

Toloni (2014) em seu estudo adiciona que uma alimentação saudável deve estar livre de produtos industrializados e agrotóxicos. Nas últimas décadas, ocorreram

mudanças nos hábitos alimentares da população, principalmente em relação à substituição de alimentos caseiros e naturais por alimentos industrializados e com elevada densidade energética e baixa qualidade nutricional, essas mudanças estão intimamente relacionadas à transição nutricional. Mudança que pode ser vista no relato de Estrela de Belém:

“Hoje em dia eu como mais besteiras do que alimentos mais saudáveis, minha vida é bastante corrida, então assim acaba que a gente atribui assim essa alimentação não tão saudável à correria. Mas sempre que eu posso, eu procuro me alimentar bem, mas infelizmente isso não é tão forte hoje em dia, como era na minha infância.”

As mudanças ocorridas no dia a dia, em função da jornada de trabalho induzem as pessoas a se alimentarem de forma incorreta, procurando uma alimentação mais rápida, que não precise de muita elaboração no seu preparo. Sobre a temática de transição nutricional, segundo Popkin et al. (1993), o conceito de transição nutricional, o qual corresponde às mudanças dos padrões nutricionais, modificando a dieta das pessoas e se correlaciona com transformações sociais, econômicas e demográficas ligadas à saúde.

O discurso dos autores supracitados Toloni (2014) e Popkin et al.(1993), aparece nesta pesquisa por meio das histórias de vida dos educadores. Um dos exemplos é o de Íris:

“Hoje eu fujo muito da regra de alimentação saudável, exagero em comidas enlatas, refrigerantes, pastéis e tudo isso sei que não me faz bem, mas (risos) é só isso que tenho a dizer” .

Isso não significa que não haja conhecimento por parte das educadoras sobre os efeitos, pelo menos biológicos, do consumo deste tipo de alimento.

“Porque eu gosto mesmo é de comer pastel (risadinha) coxinha, pizza essas coisas assim, frituras, mortadelas, presunto basicamente é o que eu gosto de comer, apesar de saber que não é saudável, mas é o que eu gosto de comer” (Açucena).

Algumas afirmam ter a informação de que a ingestão desse tipo de alimento traz consequências negativas para nosso organismo, como evidenciado na fala de Jacinto:

“Interfere na sala de aula. Assim muitas vezes quando a gente não se alimenta direito, a gente fica com o físico, com a mente cansada tudo, a alimentação eu acho que atinge todo o nosso sistema... nervoso, psicológico e isso interfere de certa forma porque passa para os nossos alunos quando a gente não está se alimentando bem”

Em concordância, Coutinho (2014) elenca o desenvolvimento de doenças cardiovasculares, câncer, declínio do sistema imune, disfunções cerebrais, implicações do consumo desenfreado de alimentos ricos em gordura, açúcar e sódio. Todavia, sabe-se que vários fatores colaboraram para que o consumo destes alimentos siga com expressividade em nossa sociedade. Alguns deles encontram-se diretamente relacionados. Tomem-se como exemplos dois deles: a mídia e o estilo de vida. Esses são fatores que talvez possam explicar em parte o porquê de Açucena preferir esse tipo de alimentos em seu cotidiano.

A mídia é capaz de influenciar, tanto positivamente quanto negativamente, o estilo de vida das pessoas. É, assim, uma importante ferramenta de condução e venda de informação à população. O investimento publicitário, no âmbito midiático, é capaz de transmitir aos mais diversos lugares e culturas, o comportamento e o pensamento das pessoas sobre moda, estética e principalmente, alimentação. Os estudos das mensagens sobre alimentação, veiculadas pelos meios de comunicação, revelam que a mídia tem exercido papel fundamental na formação de novos hábitos alimentares pois a alimentação engloba tanto a necessidade quanto o desejo do indivíduo (DOMICIANO et. al., 2014; MIOTTO; OLIVEIRA, 2006).

Hoje não há mais dúvidas sobre a influência das propagandas, sobretudo na televisão e nas escolas, para o aumento excessivo do consumo de alimentos/bebidas industrializados e comercializados. Estamos vivenciando uma nova geração de crianças e adolescentes com excesso de peso que veem muitas horas de televisão. Alguns autores defendem a relação direta entre horas assistindo televisão e ganho de peso. Denominam o fenômeno como *obesiTV* (SAWAYA; FILGUEIRAS, 2013).

Com a mudança no estilo de vida da população, o mundo se alimenta cada vez pior. Desde a década de 80 com o grande crescimento do hábito de comer fora de casa, houve um crescimento do número de pessoas de todos os extratos sociais que sofrem de distúrbios alimentares e com as doenças crônicas relacionadas a esses, como obesidade, diabetes e doenças cardiovasculares. O problema alimentar vem crescendo continuamente e recentemente a obesidade passou a ser uma doença que cada vez acomete maior número de crianças e adolescentes. Embora a obesidade seja uma doença multifatorial, existem fortes evidências da influência da propaganda e do ambiente obesogênico na mudança dos hábitos alimentares (SAWAYA; FILGUEIRAS, 2013).

Em linhas gerais, o estilo de vida reflete a sensibilidade (ou a “atitude”) revelada pelo indivíduo na escolha de certas mercadorias e certos padrões de consumo e na articulação desses recursos culturais como modo de expressão pessoal e distinção social. Nesse sentido, o termo encerra uma dimensão antropológica, sinalizando que nossa “individualidade” e nossa identidade são moldadas dentro de escolhas e estruturas coletivas mais amplas (FILHO, 2003).

Com a influência da mídia e o estilo de vida, portanto, a comida é hoje um grande negócio, em torno do qual se movem cifras arquivionárias, orientadas para o incremento da produtividade agrícola, a ampliação do lucro, a intensificação da exploração marítima, a oferta dos pratos manufaturados ou de diferentes tipos de restaurantes (ARNAIZ, 2005).

A indústria de alimentos, bebidas e o comércio de alimentos consumidos fora de casa em restaurantes, cantinas e lanchonetes desenvolveram uma série de produtos que ativam de sobremaneira o sistema hedônico, geram consumo excessivo na ausência de fome e descontrole alimentar. Emoções e sentimentos prazerosos são respostas mentais que servem para reforçar os benefícios ou evitar os efeitos nocivos de estímulos ambientais e comportamentais (SAWAYA; FILGUEIRAS, 2013). A afirmação dos autores se confirma nesta fala:

“Eu gosto de comer é frituras mesmo, mesmo sabendo que também está ofendendo, mas eu sou teimosa e continuo comendo do mesmo jeito” (Açucena)

Estudo realizado por Sawaya e Figueiras (2013), destacam os três componentes da dieta moderna que respondem a essas características: *açúcar*, *gordura* e *sódio*; e, ao misturá-los em doses “certas”, têm efeito somatório na geração de prazer. Alimentos ricos em açúcar, gordura e sódio geram, mais do que outros alimentos, emoções positivas que aumentam a motivação para obtê-los, tão logo sejam lembrados ou estejam disponíveis ao alcance da mão, Ou seja, ingeri-los é recompensador. Nosso organismo desenvolveu um apetite particular por eles, pois garantem maior disponibilidade de energia como o açúcar e a gordura, enquanto o sal garante o balanço hidroeletrolítico vital para o funcionamento do organismo.

Outro componente que parece caracterizar uma alimentação não saudável para os educadores entrevistados é o alimento cultivado com a utilização de agrotóxicos. Conforme relato dos próprios entrevistados, no início suas famílias moravam na zona

rural e alimentavam-se do que era plantado e colhido no campo, no sítio. Uma educadora conta como era a alimentação na casa de seus pais:

“A alimentação desde que eu era criança, a gente morava na zonal rural e tinha uma alimentação saudável, era à base de frutas, leite, porque no sítio, você sabe, existe muitas opções para a gente se alimentar com alimentação saudável” (Lírio Escarlate).

A alimentação na infância das educadoras que moravam no sítio era sempre de produtos provenientes de colheita, alimentavam-se do que o sítio produzia, por ser mais viável para seus pais. Elas relatam que não existiam agrotóxicos nos alimentos que cultivavam:

“Bom eu morava no sítio desde pequenininha, morei até uns 10 anos. Ai lá geralmente é uma alimentação de mais nutrientes, não tem tanto agrotóxicos. Hoje em dia a gente come as coisas que usa muito veneno. Essas coisas na alimentação da gente não são como as de antigamente que era melhor a alimentação. Até as frutas assim usa muito veneno para matar os animais, os bichos para não comer” (Narciso).

Percebemos atualmente um aumento na utilização de agrotóxicos nos plantios. No Brasil, por exemplo, em 2009, eram utilizados em média 1 milhão de toneladas de agrotóxico por ano, o que representava nada menos que 5,2 kg de veneno por habitante (LONDRES, 2011). E os agravos causados pelos agrotóxicos determinam um problema muito sério de Saúde Pública, principalmente no que diz respeito à saúde dos agricultores e, é claro, à saúde dos consumidores (OLIVEIRA, 2013).

O processo produtivo agrícola brasileiro está cada vez mais dependente dos agrotóxicos e fertilizantes químicos. Mesmo que alguns dos ingredientes ativos possam ser classificados como medianamente ou pouco tóxicos, baseado em seus efeitos agudos, não se pode perder de vista os efeitos crônicos que podem ocorrer meses, anos ou até décadas após a exposição, manifestando-se em várias doenças como malformação congênita, cânceres, distúrbios endócrinos, neurológicos e mentais (CARNEIRO et. al., 2012).

Carneiro et. al., (2012) relatam em um dossiê sobre os impactos dos Agrotóxicos na Saúde, que as evidências já disponíveis de danos dos agrotóxicos à saúde alertam para a gravidade da problemática, na medida em que dialogam com os grupos de agravos prevalentes no perfil de morbimortalidade do país. Entretanto, este conhecimento nos permite visualizar apenas a ponta do iceberg, tendo em vista que a massiva maioria dos estudos parte de análises em animais ou *in vitro* e que tais estudos analisam a exposição a um único ingrediente ativo, situação rara no cotidiano

das pessoas, que podem ingerir, num só alimento, dezenas de ingredientes ativos. Notamos no relato de uma educadora que na infância morou no sítio, que a ideia de uma alimentação saudável passa longe dos agrotóxicos :

“Não se usa muito agrotóxicos no alimento, que não é muito bom para saúde” (Narciso).

Brasil (2008) informa que os resíduos dos agrotóxicos, em níveis acima dos limites máximos permitidos pela legislação brasileira, podem aumentar o risco de ocorrência de alguns tipos de câncer, bem como de outras doenças e agravos à saúde. Para prevenir riscos à saúde humana, é necessário que os produtores rurais e, sobretudo, os grandes latifundiários, adotem boas práticas agrícolas em relação ao uso de agrotóxicos, especialmente em culturas alimentares, cabendo ao governo incrementar a fiscalização para evitar a prática abusiva e indevida do comércio e uso desses produtos tóxicos.

Percebe-se, portanto, que a visão que os educadores têm sobre uma alimentação saudável converge, em muitos aspectos, para as diretrizes traçadas pela Nutrição sobre esse tema: em uma primeira instância: rica em FLV, mas variada, contendo outros grupos alimentares; com ausência de alimentos industrializados e sem agrotóxicos. Ainda assim, admitem que, até o momento, seus esforços não são bem-sucedidos para ter uma boa alimentação. Avaliando, assim, de maneira negativa sua própria alimentação.

Um dos maiores insucessos que apontam para isso é o que percebem na alimentação de seus próprios filhos. Fazê-los se habituarem às normas alimentares das famílias é um processo complicado que mobiliza as mães, já que as entrevistadas em sua maioria eram. Os filhos revelam preferência por alimentos diferentes daqueles presentes em suas casas, classificados por elas como guloseimas, tais como doces, bolachas e refrigerantes. Esses produtos são considerados mais saborosos, além de serem dotados de valor simbólico diverso (ROMANELLI, 2006).

Esta inversão de valores que permeia a ingestão de alimentos, tem preocupado algumas das professoras, como Tulipa, que relata em sua fala:

“E o que mais me preocupa em relação a ter em casa são as bolachas recheadas que às vezes, mesmo a gente sabendo que ofende, mas quando os filhos são pequenos. Eu mesmo comprava muito, achava que lanchar antes para os nossos filhos para ter uma comida boa, era sempre trazer bolachas recheadas. Hoje eu tenho até uma visão melhor”.

O discurso da mídia chega a confundir os pais, como fica claro no relato de Tulipa, que chegou a pensar que o melhor lanche eram as bolachas. Além disso, esse discurso hedonista, inclusivo e moderno captura também os filhos, que apresentam aos pais os seus anseios (ARNAIZ, 2005). Pressionados, muitas vezes, os pais cedem aos pedidos, mesmo tendo a concepção de que o alimento não é o mais saudável, o que é notório na fala de Tulipa:

“Agora em relação aos filhos, às vezes, a gente peca um pouco quando é criança, principalmente assim, quando a gente vê eles pequeno quer sempre dá uma coisa ou outra né, as vezes levar pra escola e eu pequei muito em relação a isso de dar sempre aos meu filhos levar lanches para escola e que por ser mais fácil de você fazer, já que eu trabalho dois expediente, é mais fácil você comprar uma bolacha recheada e botar no lanche do que você ir assar...cortar um pedaço de bolo ou então fazer um sanduíche natural pra o seu filho levar e eu realmente pequei muito nisso.”

Segundo o documentário Muito Além do Peso (2012), é evidente que existem vários fatores determinantes que influenciam o meio em que os filhos e pais vivem. A mídia está intimamente ligada ao consumo destes alimentos industrializados, seja pelo apelo ao consumo como forma de distinção social, seja, oferecendo brinquedos em troca da comida. Os pais ficam de mãos atadas diante de uma força contrária tão poderosa, frente a uma batalha desigual.

Assim como grande parte dos brasileiros, os educadores aqui entrevistados, demonstram uma relação com o tema da alimentação saudável que não se efetiva com o acesso à informação sobre o tema. Não apenas os fatores de informação nutricional e os fatores conjunturais ligados à nossa sociedade e ao grande capital, como também a memória e o imaginário, influenciam nas escolhas.

Como isso verte-se em suas práticas cotidianas de ensino? O que percebem do passado, em relação às suas biografias alimentares, na sua prática alimentar/profissional do presente.

5.2 O PASSADO QUE HÁ NO PRESENTE: A ALIMENTAÇÃO NA INFÂNCIA E A PRÁTICA ALIMENTAR HOJE

A história de vida de um indivíduo pode influenciar na sua formação do caráter, comportamento e conjunto de valores para o mesmo. Por isso, desde a infância, o papel desempenhado pelos pais na formação de hábitos alimentares tem demonstrado relevo no estabelecimento de práticas alimentares particulares. Percebendo isso, os educadores destacam a relevância de se trabalhar na sala de aula em conjunto com os pais.

A formação dos hábitos alimentares está expressamente ligada à história do indivíduo, sua infância, sua família e aos momentos iniciais de socialização que contribuíram para a formação do sujeito como ele é (FIGUEIREDO, 2011). A alimentação da criança, desde seu nascimento e nos primeiros anos, tem repercussões ao longo de toda a vida. É considerada como um dos fatores mais importantes para a saúde da criança (BERNART, 2011). Pode-se perceber a afirmativa da autora em algumas falas das educadoras deste estudo como na descrita a seguir:

“Mãe sempre proporcionava à gente uma comida mais ou menos saudável, de levar pra escola, bolo, tapioca” (Tulipa).

A preocupação da mãe em proporcionar uma alimentação mais saudável é perceptível na fala desta educadora, seja no momento de pensar o lanche da escola até a hora de partilhar o alimento à mesa (a despeito do aparente uso da força), aproveitando a ocasião para oferecer vegetais cultivados em casa:

“Na hora do almoço, mamãe, assim, sempre obrigávamos a comer verdura. Inclusive mamãe plantava lá em casa uma horta e tinha muito repolho, muito alface, coentro e as vezes a gente, assim tinha o hábito de comer, mesmo achando ruim, catando, os coentrinhos, mas com o tempo fomos aprendendo a gostar né. E uma das comidas que eu mais gostava naquele tempo mesmo era de jerimum” (Tulipa).

É possível notar no relato acima que as mulheres ocupam uma posição fundamental na alimentação da família por vários motivos. Historicamente elas controlam o orçamento doméstico ou, pelo menos, as compras de alimentos, fazem seu processamento, socializam os filhos para aceitá-los e distribuem a comida entre os componentes da família. E ainda mais importante, as mulheres têm maior acesso do que os homens a informações acerca da alimentação, provenientes de várias fontes e de programas diversos de orientação. As mulheres são mediadoras entre universos nos quais predominam regras alimentares diversificadas e podem ser agentes transformadores de hábitos alimentares (ROMANELLI, 2006).

A posição da mãe sobre a alimentação saudável para seu filho é de grande relevância, encontramos o arremate na fala de Tulipa que hoje agradece à mãe por tê-la estimulado a comer estes alimentos, que muitas vezes não queria comê-los por imaginar que o sabor era ruim.

Eu, como adulta, adoro a verdura e agradeço também a mamãe, que obrigava praticamente a gente a comer uma cebola, inclusive a sopa era uns tamanho de jerimum desse tamanho (demonstra com a mão), umas cebolas e tomates bem grande que eu dizia “ai menina como eu não gosto”. Mas eu comia e hoje eu gosto muito da verdura. Meu almoço hoje é mais verdura do que a própria comida” (Tulipa).

Deste modo, a infância representa a última oportunidade para que os pais possam influenciar futuras escolhas alimentares de seus filhos³. Os hábitos alimentares adequados asseguram não só o desenvolvimento positivo durante o crescimento, mas também auxiliam os futuros adultos na manutenção desses hábitos (AMODIO, 2002). Tulipa mostra como tenta fortalecer essa linha de transmissão intergeracional

“Sempre tentando me educar, até mesmo porque tenho filhas e as minhas filhas eu quero que elas tenham uma boa alimentação”

A família transmite às novas gerações, desde o nascimento, padrões de comportamento, hábitos, usos, costumes, valores, atitudes e um padrão de linguagem. Enfim, maneiras de pensar, de se expressar, de sentir, de agir e de reagir que lhe são próprias, naturais. Promove ainda a construção das bases da subjetividade, da personalidade e da identidade (GOMES, 1994).

Segundo esse autor, dessas características resulta a enorme importância da família, tendo em vista a vida futura de cada criança: ou seja, a família constrói os alicerces do futuro adulto. A família é peça chave na participação do desenvolvimento de seus filhos. Percebe-se na a fala de Ciclâmena preocupação para que a família trabalhe em conjunto no aprendizado dos filhos sobre a temática de alimentação saudável.

“Por mais que a gente trabalhe, em forma de projeto com as crianças, a alimentação enfatizando frutas, verduras, as mães insistem em mandar pipoca, biscoito. Assim, então, como a gente não pode proibir, porque tem mãe que usa o argumento que o aluno não gosta da comida da escola. Então se ela manda essa comida, a gente conversa com a mãe que, ao invés do biscoito, mandar uma fruta, invés da pipoca mandar um bolo, um pão alguma coisa menos ofensivas, mas elas não aceitam muito bem não” (Ciclâmen)

A família é parte atuante na promoção da alimentação escolar, sua atuação e contribuição são fundamentais para a Promoção da Alimentação Saudável na Escola Boog (2008) afirma que os pais são considerados atores sociais no âmbito do PNAE, assim como toda a comunidade escolar, ou seja, os professores, diretores, coordenadores, merendeiras, membros do Conselho de Alimentação Escolar (CAE), alunos e demais envolvidos.

³ Esse processo, além das relações familiares pai/filhos, pais, atualmente, teria muito a ganhar com a aproximação da figura do pai (CARVALHO, 2004).

Resultados importantes têm sido alcançados incluindo o tema alimentação e Nutrição nos currículos e na formação permanente dos profissionais de educação e da comunidade escolar. A capacitação desses atores sociais potencializa mudanças no ambiente escolar, as quais dão suporte para a adoção de hábitos alimentares saudáveis, mesmo o ambiente doméstico (ALMEIDA, 2014; SCHMITZ et al., 2008; YOKOTA et al., 2010).

Por este motivo existe por parte dos educadores uma preocupação e incentivo em conscientizar os pais sobre essa temática de alimentação saudável na escola:

“A gente trabalha com essa questão de conscientizar as mães a não mandarem biscoitos recheados, nem balinhas, nem pirulitos, que mandem frutas, uma maçã, uma uva, um Danone até pode ser, que é mais saudável, mas assim a gente encontra certas resistências em certas crianças devido a mãe e não a criança, a mãe muitas vezes insistem em mandar bolinhos, essas coisas que não são muito boas para a saúde” (Anêmona).

Ainda sobre este assunto, a família está intimamente ligada à responsabilidade de educar. O autor Dominicé (2011), estudioso da prática de histórias de vida, afirma que, dentro de um percurso de formação, as aprendizagens não são exclusivas à escola, existe aquelas que ocorrem fora da escola, as quais também marcam a existência do sujeito.

Para o autor, a vida recupera seus direitos e parece qualificar como também desqualificar o que foi aprendido. A família, os acontecimentos, o engajamento social, os momentos de ruptura seriam aprendizagens que marcam a existência (DOMINICÉ, 2001).

Assim sendo, os educadores eram incentivados desde crianças em suas casas a terem uma alimentação rica em frutas, legumes e verduras, não apenas pela questão da saúde, mas por uma questão de acesso.

Em alguns casos os recursos eram tão escassos, sobretudo o da água, que nas refeições só existia o básico, os produtos da cesta básica, pois as condições não permitiam à aquisição ou o plantio de outros tipos de alimentos, que viessem complementar a refeição.

“Bom a minha alimentação da infância a gente vivia na zona rural e era uma família carente e comia o básico que tinha feijão, arroz, macarrão e carne quando tinha, e frutas quando tinha no sitio” (Açafrão).

Por isso, a infância de algumas professoras foi marcada pela alimentação possível, a comida acessível e necessária para driblar a fome, como relata Lírio dos Vales:

“Bem na minha infância não era assim algo bem saudável, até porque as condições assim não permitiam, na verdade era o que tinha e a gente se alimentava com o que tinha e assim foi, e durante a adolescência assim também não lembro de ter esse costume de alimentação saudável na verdade o que tinha a gente comia e pronto”

Para Neutzling (et. al. 2009) fatores sócio-econômicos como nível educacional e renda familiar são importantes determinantes da baixa ingestão de frutas, legumes e verduras. Atualmente, com o incremento de renda proveniente do Programa Bolsa Família, o que vem se percebendo é que a população segue com uma dieta monótona, com um consumo baixo para frutas e verduras, conforme Lima et al. (2013). Acredita-se, portanto, que um nível maior de escolaridade, ou que intervenções educativas no âmbito da EAN, possam apoiar atividades de PAS.

Portanto, percebe-se que as primeiras lições ligadas à questão alimentar foram transmitidas na infância aos educadores, pelas suas mães. Os sedimentos que têm sobre a questão da alimentação saudável, remontam à mesa familiar e à memória materna. Por isso, insistem tanto na participação dos pais como membros da comunidade escolar na tarefa de Promoção da alimentação saudável.

Além desta bandeira, suas memórias de formação alimentar também deixaram algumas lições que tentam desdobrar em seu cotidiano como educadores. Reconhecem o relevo do uso de estratégias lúdicas que dotem a abordagem da questão de certa espontaneidade no fato alimentar, principalmente, a contação de histórias. E dão destaque à questão da força do exemplo no que tange ao estabelecimento de práticas alimentares saudáveis. Por isso, vivem um constante exercício de auto-reflexão com o objetivo de se constituírem exemplos para seus alunos e filhos.

5.3. PROFESSOR E A PROMOÇÃO DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NO AMBIENTE ESCOLAR: PERSPECTIVAS

Os professores reconhecem o relevo da abordagem do tema da alimentação saudável no ambiente escolar. Por isso, tentam, apesar de suas próprias dificuldades, articular estratégias de intervenção, através da contação de histórias dentro das práticas de projetos. Entendem também que o gesto em sala de aula é educador, formador.

Sem se desviarem de seu campo de atuação de intervenção, referem a utilização da Pedagogia de Projetos como referencial de proposta metodológica neste

sentido. A estratégia adotada por todos os professores foi a construção de projetos que abordam a alimentação saudável. Incluem inúmeras formas de se trabalhar a temática, seja por contação de histórias, seja pelo estímulo sensorial via experimentação dos alimentos. Como podemos perceber nesta fala:

“Bom na sala de aula a gente costuma trabalhar com projetos sobre alimentação saudável.” (Flor de Amêndoa).

As escolas entrevistadas conhecem a Portaria Interministerial nº1010, cujo principal objetivo foi o de instituir diretrizes para a promoção da alimentação saudável nas escolas de educação infantil, fundamental e ensino médio, a fim de favorecer a adoção de hábitos saudáveis no ambiente escolar. Por isso, foi indicada a necessidade de incorporação do tema *alimentação saudável* no projeto pedagógico da escola, perpassando todas as áreas de estudo e propiciando experiências no cotidiano (BRASIL, 2006b). Neste sentido a estratégia adotada pelas escolas foram os projetos:

“Como a gente trabalha com projeto, a gente trabalha tudinho, até divide por tema...”(Açafrão).

Esta estratégia utilizada pelos educadores da rede de ensino do município de Picuí é de suma importância, pois, projetos que permitem as crianças a lidar com alimentos e experimentar novos sabores e texturas podem contribuir para escolhas alimentares adequadas (SILVA, et. al. 2013).

Ainda sobre esse assunto, Pinto (2006) afirma que a educação nutricional é uma ferramenta fundamental na segurança alimentar e nutricional. Através da utilização da pedagogia de projetos, fica implícito que o conhecimento é um ato social e que o educador está sendo um sujeito histórico. Além do mais, um projeto permite a socialização do conhecimento, a continuidade do trabalho e a construção de memória.

A autora referida elenca algumas das principais contribuições do trabalho com projetos que são: vivenciar múltiplas práticas de educação em saúde e a produção coletiva do conhecimento, com a participação do educando, através da reflexão crítica sobre a realidade.

No documentário *Muito Além do Peso*, Ann Cooper, Diretora da School Food Project, acrescenta mais: é preciso incluir o que as crianças sabem sobre alimentação como experiências educacional. A única coisa que fazemos várias vezes

ao dia é comer. Podemos não ler várias vezes ao dia, não usar algebra várias vezes ao dia, o que fazemos várias vezes ao dia, durante toda nossa vida é comer. Isso deve ser tão importante na experiência educacional das nossas crianças, quanto à leitura, a escrita e a aritmética (Muito além do Peso, 2012).

Uma das metodologias mais utilizadas no âmbito da pedagogia de projetos pelos educadores para falar de alimentação é a contação de histórias. Como vemos no relato de Lírio do Campo que se intitula professora contadora de histórias. Observamos neste discurso que, ela sente prazer em ser uma professora que conta história para seus alunos.

A contação de histórias é uma das atividades mais antigas de que se tem notícia. Essa arte remonta à época do surgimento do homem há milhões de anos. É uma atividade fundamental que transmite conhecimentos e valores, logo sua atuação é decisiva na formação e no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. São inúmeras as possibilidades que o uso da contação de histórias em sala de aula propõem. Além das histórias divertirem, elas atingem outros objetivos, como educar, instruir, socializar, desenvolver a inteligência e a sensibilidade (MATEUS, et. al, 2013).

A afirmação do autor Mateus et. al. (2013), concorda com o relato de Tulipa educadora:

“No momento que a gente trabalha a história nós estamos trabalhando com a problemática dos doces em relação à família e os malefícios que esses doces trazem inclusive a doença que é a de açúcar no sangue, que é a glicose aumentando, que é a diabetes, como de gordura no sangue que é o.....colesterol” (Tulipa).

As histórias que compõem o acervo infantil tradicional são fonte de informações culturais, às quais somam a sua vivência concreta (RCNEI, 1998). A literatura tem o papel de caráter transdisciplinar, dentre todas as ciências, a literatura é a única que está presente em todas as outras. Assim sendo, podemos utilizá-la, para desenvolver atividades educativas, abordando temas de alimentação e Nutrição com o público infantil (NÓBREGA, 2015).

Ainda sobre este assunto Souza e Bernardino (2011), em seus estudos asseguram que a contação de histórias é uma estratégia pedagógica que pode favorecer de maneira significativa a prática docente na educação infantil. A escuta de histórias estimula a imaginação, desenvolve habilidades cognitivas, educa, instrui, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que

potencializa a linguagem infantil. Assim a criança sente-se estimulada e, sem perceber desenvolve e constrói seu conhecimento sobre o mundo.

Corroborando com essa concepção foi possível identificar que as educadoras entrevistadas incorporam na sua prática educativa inserindo a temática alimentação saudável. Na fala a seguir pode-se visualizar o despertar e incentivo a criança para o desenvolvimento de práticas de alimentação saudável, através da adaptação da história de Chapeuzinho Vermelho.

*“Na temática de chapeuzinho vermelho, nos deparamos com a cena que ela vai pra casa da vovó levar uma cesta de doces porque a vovó está doente, então o que eu fiz eu adaptei essa história falando dos medos e aproveitei e contei também chapeuzinho vermelho e o lobo bom, que a história é que o lobo é bom porque ele é contra os doces que a vovó come, ele ensina a chapeuzinho vermelho que alimentação deve ser frutas e verduras e o final da história é o lobo levando a vovozinha no médico e nutricionista, para ensinar ela a comer direito e o médico para tratar colesterol, diabetes e tudo mais”
(Lírio do Campo).*

Notamos esta confirmação na fala desta educadora, em que a criança faz a relação da cesta de chapeuzinho vermelho que ao invés de ser doces poderia ser as frutas, nos mostra que ficou gravado na memória dele. Segundo a autora Cecília Meireles (1979) a literatura tradicional, entendida como a popular, é a primeira a instalar-se na memória da criança, com as suas representatividades, ela representa o primeiro livro, antes mesmo da alfabetização, e para grupos sociais iletrados, pode até ser o único, ou seja, o texto escutado.

Ainda, de acordo com a autora, enquanto a figura do narrador vai desaparecendo ou pelo menos vai sendo reduzida, surge o livro, enquanto objeto, com uma brisa de significados. Trata-se de um bem cultural com o qual a criança precisa aprender a interagir, pois possui possibilidades de apropriação de sistemas de linguagem diversos, como verbal, visual, gestual e expressiva, principalmente (ANJOS, 2009).

O ato de ouvir histórias auxilia no desenvolvimento cognitivo, estimula o pensamento e proporciona experiências relevantes para a formação infantil de acordo com a composição do enredo. O contar histórias abrange uma gigantesca área no que diz respeito ao desenvolvimento da imaginação da criança. Através da oferta do texto literário permitimos aos alunos ensaiar seu papel na sociedade, ter idéias, se expressar, empregar a criatividade, expor sentimentos (FERRREIRA et al, 2013). As vivências com estas histórias levam o alunado a não esquecer as histórias contadas para ele:

“Eu trabalho através de historinhas até essa semana eu falando sobre a historinha de chapeuzinho vermelho, aí teve uma criança que disse tia mais em vez de ser doce podia ser frutas. Porque aqui na escola já houve uma palestra sobre alimentação com as nutricionistas do município e foi trabalhada a história do chapeuzinho vermelho e dentro da história do chapeuzinho vermelho em vez de chapeuzinho vermelho levar para vovó doces, elas trabalharam a importância das frutas que trocavam os doces pelas frutas aí ficou, as crianças ainda se lembram dessa história” (Mirra).

Outro ponto a ser ressaltado é proporcionar à criança, dentro da metodologia de contar história, a oportunidade de aprender utilizando os sentidos do toque, o cheiro, a visão, o paladar e o olfato. É comum encontrar crianças que são inconscientes de certos tipos de alimentos, especialmente frutas e legumes. Assim, ações que permitem contato direto com estes alimentos podem contribuir para a promoção da alimentação saudável no ambiente escolar (SILVA et al., 2013). Desta maneira, constatamos esta afirmativa no relato desta educadora que possibilitou seus alunos a oportunidade de instigar os sentidos através da produção de um bolo:

“Fiz um bolo de cenoura passei a semana todinha falando na importância de se comer legumes que geralmente eles não gostam, as crianças de 5 anos eles não tem uma verdura que gostem ou que eles comem. Então fiz esse bolo e que apesar da cauda ter sido de chocolate, não deixei de enfatizar a alimentação saudável” (Lírio do campo).

Ou de Flor de Macieira, que fez o mesmo com um espetinho de frutas:

“Esse ano mesmo a gente fez o projeto de alimentação saudável e no final a gente levou fruta e no final a gente fez uma grande salada, nem misturou as frutas, cada um ia lá e pegava a sua fruta, tipo um espetinho sabe, ia fazendo seu espetinho de frutas para comer foi o lanche deles, assim a gente valoriza na escola para que a criança não leve para escola industrializado, só o natural”.

Assim, o uso de atividades práticas estimula o gosto do educando pela vivência, pelo fazer pelo sentir. A prática explora a maior parte dos sentidos sensoriais ao mesmo tempo, tornando maior essa porta de entrada do mundo exterior. Além disso, os métodos lúdicos despertam o interesse e atenção das crianças, visto que são atividades que causam prazer e entretenimento enquanto instruem aos que participam. Essas estão associadas à aquisição de experiências, pensamentos e sentimentos, sendo nesse momento que a criança assimila o conhecimento e constrói a realidade (NÓBREGA, 2015).

Um segundo ponto que os professores percebem como efetivos para o trabalho de promoção da alimentação saudável no ambiente escolar é a dimensão do gesto. Acreditam que o exemplo é educador, formador.

Muitos professores que atuam nas escolas, não percebem a importante dimensão que tem o seu papel na vida dos alunos. Todavia Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da autonomia* afirma: “Ensinar não é transmitir conhecimentos, mas criar

as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”(FREIRE, 2011. p. 22), a ideia é de que, numa relação de ensino-aprendizagem ideal, não é apenas a fala, mas sim as situações, que são as verdadeiras produtoras do aprendizado. (FREIRE, 2011).

O autor segue ainda afirmando em sua obra, que “ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo”, em sala de aula o educador é visto como um espelho, um exemplo a ser seguido. Os educadores reconhecem a importância do exemplo, ao contrário da utilização da fórmula farisaica do “faça o que eu digo e não o que eu faço”, o que constatamos na narrativa da educadora Açafrão:

“Evito trazer essas “bujinganguinhas” que compra... é... como açúcar, pipoca essas coisas pra já incentivar eles não usar e falo pra eles que não é saudável”.

Percebemos deste modo na concepção da educadora a importância do exemplo, em sua prática cotidiana na sala de aula. O despertar do educador nos detalhes da vivência diária, leva a perceber sua importância no exemplo.

“Mas eu já percebi que se eu não estiver com eles, eles não comem os legumes, uma cena que me chamou atenção outro dia foi uma criança que ela queria me agradecer para comer a verdura e o frango e ela mastigava, mastigava” (Lírio do Campo).

O incentivo a valorização de ter uma boa alimentação, faz parte do processo de educar. Para Medeiros (2010), educar é um processo minucioso, onde a corporeidade do exemplo é peça chave para o verdadeiro aprendizado: ele passa a fazer parte da vida cotidiana integrando-nos, deste modo, passamos a ser o espelho daquilo que aprendemos. Hena relata que precisa-se demonstrar com gestos fazendo caras e bocas para os alunos verem que é gostoso:

“Faço caras e bocas para dizer que é delicioso, e tem até umas que não são, mas eu digo que é delicioso, e eles acreditam porque a gente tem que criar desde pequenininho dizendo que é gostoso porque se não disser que é gostoso eles não vão querer comer.”.

Assim sendo, educar para o que quer que seja, requer atenção e atitudes que dão vida a gestos contínuos e inconscientes. Tais gestos entram como grandes protagonistas: o gesto é educador. Aperfeiçoá-los para que as memórias e gostos sigam se perpetuando ao longo da vida, exige paciência e delicadeza. Portanto o gesto: educa, reproduz e cria cultura (MEDEIROS, 2010).

Portanto, o professor reconhece a importância da abordagem com o tema alimentação saudável dentro do ambiente escolar. O educador está inserido como ator principal nesta formação e tem buscado trazer a abordagem para dentro da sala de aula, de forma mais lúdica do que tiveram a oportunidade de aprender em casa. Utilizam a prática da contação de histórias dentro do âmbito da pedagogia de projetos. Além disso, entendem o valor do gesto em sala de aula, suas atitudes na escola, onde a corporeificação do exemplo é peça chave para o verdadeiro aprendizado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação dos educadores com a temática alimentação saudável tem demonstrado relevância, para a formação do corpo discente na fase da infância, sendo está à educação básica. Este estudo teve como objetivo entender a relação que os educadores infantis têm com o tema da alimentação saudável e como transmitem para o seu cotidiano.

Por meio desta pesquisa, foi possível perceber que a visão que os educadores têm sobre uma alimentação saudável caminha-se ao acesso à informação sobre está temática. Embora entendam que alimentação saudável é caracterizada pela ingestão de FLV e livres de agrotóxicos, a sua prática não condiz com a realidade. Isto pode ser justificado por sua memória e também por suas vivências passadas que refletem em seu cotidiano. Além disso, foi possível observar que grande parte das educadoras reconhece que sua educação alimentar reflete na de seus filhos.

Elas consideram que deve haver uma EAN no âmbito escolar e que a família está intimamente ligada a este processo, no qual a mãe ocupa uma posição de influência, devido as suas reminiscências alimentares. Este entendimento é levado para a sala de aula, integrando a família nas práticas pedagógicas: Projeto Alimentação Saudável e dentro dele a contação de histórias.

A fase da infância é um período de descobertas e reproduções, as educadores entendem que nesta fase, são um exemplo a ser seguido pelos alunos. Por este motivo tentam transmitir uma boa prática acerca da alimentação saudável. Porém a maioria sente dificuldade em compartilhar o conhecimento relacionado a essa temática com os seus alunos, seja ela por não ter a prática de uma alimentação saudável, sentindo-se desconfortável em falar e dar o exemplo ou por se sentir despreparada.

Diante disso, esse estudo possibilitou o conhecimento da realidade das práticas de EAN local e poderá funcionar como instrumento de sensibilização dos educadores, como a gente de promoção da saúde e também na prevenção de doenças como a obesidade infantil, problemas no crescimento e desenvolvimento, desnutrição e doenças crônicas. Pois sabe-se que a educação é um dos pilares para a formação do ser humano.

A partir desta pesquisa, propomos uma capacitação com os educadores para se apoderarem do assunto, bem como palestras com as famílias dos discentes para

entenderem a importância de uma alimentação saudável e assim trabalhem juntos com um só objetivo.

7 .REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. CELESTE, B. RIBEIRO, J. L. P. Hábitos alimentares: Comparação entre adultos saudáveis e portadores de doença crónica. In: **Actas do 9º congresso nacional de psicologia da saúde**. P. 31-37. Lisboa: Placebo, 2012.

AMODIO, M. F. P.; FISBERG, M. O papel da escola na qualidade da alimentação das crianças e adolescentes. **Informativo Saúde e Nutrição**, v. 4, p. 1, 2002.

ANJOS, P. C. P. **Tecendo significados: a importância das ilustrações do livro de literatura infantil “a moça tecelã”**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Habilitação em Anos Iniciais do Departamento de Educação) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2009.

AZEVEDO, E. de. Reflexões sobre riscos e o papel da ciência na construção do conceito de alimentação saudável. **Rev. Nutr.** 2008.

BAUER, M. W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BERNART, A. ZANARDO, V. P. S. Educação nutricional para crianças em escolas públicas de erechim/rs. **Vivências**. V.7, n.13, p.71-79, 2011.

BOOG, M. C. F. **Educação em Nutrição: Integrando experiências**. Campinas: Komedi. 2013.

BOOG, M. C. F. **O professor e a alimentação escolar: Ensinando a terra e o que a terra produz**. Campinas: Komedi. 2008.

BOTELHO, L. P.; ZANIRATI, V. F.; PAULA, D. V.; LOPES, A. C. S.; SANTOS, L. C. Promoção da alimentação saudável para escolares: aprendizados e percepções de um grupo operativo. **Nutrire: rev. Soc. Bras. Alim. Nutr.=J. Brazilian Soc. Food Nutr.**, São Paulo, SP, v. 35, n. 2, p. 103-116, 2010.

BRASIL. Câmara Interministerial de Segurança Alimentar e Nutricional. **Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional: 2012/2015**. Brasília-DF: CAISAN, 2011.

BRASIL. **Cartilha Lei de Segurança Alimentar e Nutricional**. Conceitos. Lei nº 1.346, de 15 de setembro de 2006. Brasília. CONSEA, 2006a.

BRASIL. **Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007**. Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências. Brasília-DF. Ministério da Saúde, 2007.

BRASIL. **Homologo a resolução CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Nos termos do decreto de delegação de competência de 12 de novembro de 1991. Ministério da Saúde, 2012.

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil /Ministério da**

Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Programa Nacional de Alimentação e Nutrição**, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual operacional para profissionais de saúde e educação: Promoção da Alimentação Saudável nas Escolas.** Brasília-DF, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Coordenação-Geral da Política de Alimentação e Nutrição. **Guia alimentar para população brasileira: Promovendo a alimentação saudável.** Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. **Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional para as Políticas Públicas.** Brasília-DF. 2012.

BRASIL. Portaria Interministerial nº 1010, de 8 de maio de 2006. Institui as diretrizes para a Promoção da Alimentação Saudável nas Escolas de educação infantil, fundamental e nível médio das redes públicas e privadas, em âmbito nacional. **Diário Oficial da União.** Brasília-DF, 2006b.

CARNEIRO, F. F. PIGNATI, W. RIGOTTO, R. M. AUGUSTO, L. G. S. RIZZOLO, A. FARIAS, N. M. X. ALEXANDRE, V. P. FRIEDRICH, K. MELLO, M. S. C. **Dossiê ABRASCO** – Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde. Parte 1 – Agrotóxicos, Segurança Alimentar e Nutricional e Saúde. Rio de Janeiro: ABRASCO, 88p. 2012.

CAVALCANTI, L. A, CARMO J. T. R., PEREIRA L. A., ASANO R. Y., GARCIA M. C. L., CARDEAL C. M., FRANÇA N. M.; Efeitos de uma intervenção em escolares do ensino fundamental I, para a promoção de hábitos alimentares saudáveis. **Rev. brasileira Ciência e Movimento.** V. 20, p. 5-13, 2012.

CORRÊA, R. L. T.; GUIRAUD, L. Possibilidades e limites de histórias de vida por meio de depoimentos orais na história da formação de professores. **Rev. Diálogo Educ.** Curitiba v. 9, n. 28. 2009.

FIGUEIREDO, S. C. Comida como narrativa: Histórias de vida sobre experiências alimentares ao longo. 2011, 118 f. **Dissertação (Mestrado)** – Universidade Federal da Bahia, Escola de Nutrição, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOMES, J.V. Socialização primária: tarefa familiar? **Cad.Pesq.**, São Paulo, n. 91, p. 54-61,1994.

JOSSO, M. C. Da formação do sujeito ao sujeito da formação. in: NEVOA, A. F. M. **O método (auto)biográfico e a formação**, 1988.

JOSSO, M. C. **Experiência de vida e formação.** Editora Cortez. São Paulo, 2004.

JUZWIAK, C. R.; CASTRO, P. M.; BATISTA, S. H. S. S.; A experiência da Oficina Permanente de Educação Alimentar e em Saúde (OPEAS): formação de profissionais para a promoção da alimentação saudável nas escolas. **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 4, p. 1009-1018, 2013.

JUZWIAK, C. R. Era uma vez... Um olhar sobre o uso dos contos de fada como ferramenta de educação alimentar e nutricional. **Interface Comunicação Saúde Educação**, Santos, v.17, n.45, p.473-84. 2013.

LIMA, F. E. L. de. FISBERG, R. M. UCHIMURA, K. Y. PICHETH, T. Programa Bolsa-Família: qualidade da dieta de população adulta do município de Curitiba, PR, **Rev Bras Epidemiol.**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 58-67, 2013.

LONDRES, F. **Agrotóxicos no Brasil: um guia para ação em defesa da vida**. Rio de Janeiro: AS-PTA – Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa, 2011. 190 p.

MAESTRI, B. HERERRA, L. SILVA, N. K. RIBEIRO, D. H. B. Avaliação do Impacto da adição de inulina e de Maçã em leite fermentado probiótico Concentrado. **Braz. J. Food Technol.** Campinas, v. 17, n. 1, p. 58-66, 2014

MAYER, A. P. F. WEBER, L. D. A influência da escola na alimentação e na atividade física da criança. Franca, SP. **CAMINE: Caminhos da Educação**. v. 5, n. 1. 2013.

MEDEIROS, Michelle . Como você aprendeu a cozinhar? : Reflexões sobre a transmissão intergeracional do conhecimento culinário entre mulheres.. In: **Congresso Internacional de Pesquisa (auto)biográfica**, 2010, São Paulo. Espaço (auto)biográfico: artes de viver, conhecer e formar., 2010.

MEIRELES, C. **Problemas da literatura infantil**. Rio de Janeiro: Summus Editorial, 1979.

MORGADO, F. S.; SANTOS, M. A. A. A horta escolar na educação ambiental e alimentar: experiência do projeto horta viva nas escolas municipais de Florianópolis. **Revista Eletrônica de Extensão**, n. 6, p.1-10. 2008.

Muito Além do Peso. Direção: Estela Renner. Documentário. 81 min. 2012. Disponível em: <http://www.muitoalemdopeso.com.br>. Acesso em: 10 Setembro 2015.

MUYLAERT, C. J. SARUBBI JR, V. GALLO, P. R. NETO, M. L. R. REIS, A. O. A. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 184-189, 2014.

NETO, A. R. V. MELO, L. G. N. S. de. Fatores de influência no comportamento de compra de alimentos por crianças. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 441-455, 2013.

NÓBREGA, L. M. de O. **A MESA DE CLARICE LISPECTOR**: a literatura na promoção da alimentação saudável nas escolas. 2015.108f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Nutrição) – Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, 2015.

ONFRAY, M. **O vinte dos filósofos: crítica da razão dietética**. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

PAULILO, M. A. S. A pesquisa qualitativa e a história de vida. *Serv. Soc. Rev. Londrina*. v. 2, n. 2. 1999.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense, 1972.

PINTO, V. L. X. ARAUJO, M. F. MEDEIROS, M. BEZERRA, I. W.L. **É de pequeno que se aprende? Promoção da alimentação saudável na educação infantil**. Natal. 2010.

PINTO, V. L. X. **As coisas estão no (meu) mundo, só que eu preciso aprender: Autobiografia, Reflexão e formação em educação nutricional**. 2006. 299f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

PINTO, V. L. X. título do capítulo. In: GUEDES, A. E. L. (Org.). **As ações de nutrição na atenção básica à saúde: reflexões, desafios e perspectivas**. Natal, RN: Editora da UFRN, 2006.

POPKIN B. M. GE, K. GUO, X. MA, H. ZOHOORI, N. The nutrition transition in China: A cross sectional analysis. *J Clin Nutr*. Europa, v. 47, p. 333-46, 1993.

ROMANELLI, G. O significado da alimentação na família: uma visão antropológica. **Medicina**. Ribeirão Preto, v.39, p. 333-9, 2006

ROSA, A. M. C. GARCIA, W. D. Antropologia e nutrição: um diálogo possível. ARNAIZ, Mabel Grada. In: **Em direção a uma Nova Ordem Alimentar**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ. 2005.

SAWAYA, A. L. FILGUEIRAS, A. "Abra a felicidade"? Implicações para o vício alimentar. **Estud. av.**, São Paulo, v. 27, n.78, p.53-70, 2013 .

SCHMITZ, B. A. S. RECINE, E. CARDOSO, G. T. SILVA, J. R. M. AMORIM, N. F. A. BERNARDON, R. RODRIGUES, M. L. C. F. A escola promovendo hábitos alimentares saudáveis: uma proposta metodológica de capacitação para educadores e donos de cantina escolar. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 312-322. 2008.

SILVA, A. C. A. **Educação nutricional institucionalizada: conhecimentos e práticas de agentes educacionais e professoras de ensino infantil de 0 a 3 anos**. 2008. 135 f. Dissertação (mestrado em Alimentos e Nutrição) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

SILVA, C. R.; MARTINS, B. A. E. T.; OLIVEIRA, V. L. M. I.; MIYASAKA, C. K. Dietary intake and nutritional status of the preschool of public nursery school from . São Paulo. **Alim. Nutr.**, Araraquara, v. 21, n. 3. 2010.

SILVA, J. R. M. da. SCHMITZ, B. de A. S. RODRIGUES, M. de L. C. F. GABRIEL, C. G. Promotion of healthy eating at schools in the Federal District of Brazil. **Rev. Nutr.** v. 26, n. 2, p. 145-158, 2013.

SILVA, R. D. CATRIB, A. M. F. COLLARES, P. M. C. CUNHA, S. T. Mais que educar... Ações promotoras de saúde e ambientes saudáveis na percepção do professor da escola pública. **RBPS**, Fortaleza. V. 24, p. 63-72, 2011.

SOUSA, E. C. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**. Natal. v. 25, n. 11. 2006.

SOUZA, L. O. de. BERNARDINO, A. D. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental (Uninove-SP). *Educere et educare*, **revista de educação**. V. 6, n. 12, 2011.

SOUZA, N. N.; **Concepções de educadoras de creche sobre o desenvolvimento da criança na faixa etária de zero a Três anos**. 2008. 95f. Mestrado (Pós-graduação em Educação) - Universidade Federal Do Paraná, Curitiba, 2008.

TOLONI, M. H. de A. LONGO-SILVA, G. GOULART, R. M. M. TADDEI, J. A. de A. C. Introdução de alimentos industrializados e de alimentos de uso tradicional na dieta de crianças de creches públicas no município de São Paulo. **Rev. Nutr.** Campinas, v. 24, p. 61-70, 2011.

TOLONI, M. H. de A. LONGO-SILVA, G. KONSTANTYNER, T. TADDEI, J. A. de A. C. Consumo de alimentos industrializados por lactentes matriculados em creches. **Revista Paulista de Pediatria**. São Paulo. vol. 32, p. 37-43, 2014.

WALZEM, R. L. MURANO, P. Societal aspects in the dietary management of childhood Hyperlipidemia. **J. Clin. Lipidol.** EUA, v. 2, n. 3, 2008.

YOKOTA, R. T. C. VASCONCELOS, T. F. PINHEIRO, A. R. O. SCHMITZ, B. A. S. COITINHO, D. C. RODRIGUES, M. L. C. F. Projeto "A escola promovendo hábitos Alimentares saudáveis": comparação de duas estratégias de educação nutricional no Distrito Federal, Brasil. **Rev. Nutr.**, Campinas, v. 23, p. 37-47, 2010.

8 APÊNDICE

A. ENTREVISTA NARRATIVA:

Tópico inicial

Gostaria que você me contasse a história da sua vida trazendo um enfoque na questão da alimentação.

Questões exmanentes

- ✓ Abordagem do tema alimentação saudável no planejamento escolar.
- ✓ Materias (meios) utilizados pelo professor em sala de aula sobre a temática.
- ✓ Relação da infância com alimentação.
- ✓ Opinião sobre alimentação saudável.
- ✓ Quais as ações promovidas em sala de aula pelo professor sobre a temática alimentação saudável.

B. MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a) _____ .Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: **"O QUE PENSAM OS EDUCADORES SOBRE A ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL? UM ESTUDO DE CASO EM ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE PICUÍ/PB"** desenvolvida pela professora da Universidade Federal de Campina Grande/ Centro de Educação e Saúde pela: Michelle Cristine Medeiros da Silva.

O objetivo do estudo é compreender a relação dos educadores infantis com o tema da Alimentação Saudável, reconhecer aspectos da história de vida dos educadores que influenciam nas suas práticas na educação infantil. Ao participar desta pesquisa o Senhor (a) não receberá nada de valor em troca, entretanto os resultados da mesma poderão trazer benefícios à população de Picuí, pois possibilitará uma melhor compreensão que os educadores têm do tema alimentação saudável como também maiores possibilidades de abordagem do tema por professores junto aos alunos da creche.

Sua participação incluirá responder uma entrevista gravada contendo perguntas sobre Alimentação saudável e aspectos da sua história de vida que influenciam nas suas práticas alimentares e na creche.

Pedimos sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica. Garantimos que o seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos previsíveis, para a sua saúde ou qualquer tipo de desconforto. Não haverá nenhum tipo de recompensa financeira por participar do estudo.

Esclarecemos que sua participação na pesquisa é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelas pesquisadoras. Podendo desistir de participar a qualquer momento.

Você ficará com uma cópia deste Termo e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para Prof. Michelle Cristine Medeiros da Silva. Endereço: Rua Dom José Tomaz, 1126, apt 2003, Tirol, Natal/RN, pelo telefone (84) 8742-3086 ou e-mail: medeiros.michelle@hotmail.com

Dúvidas a respeito da ética dessa pesquisa poderão ser questionadas ao Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Alcides Carneiro - HUAC, Universidade Federal de Campina Grande, Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José, CEP 58.107-670, Campina Grande/PB.

.....

Diante do exposto eu, _____ declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa "O que pensam os educadores sobre a alimentação saudável? Um estudo de caso em escola de educação infantil no município de Picuí/PB'.

Picuí, ___/___/___

Nome ou Assinatura do Sujeito Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador Responsável

C. ARTIGO PARA PUBLICAÇÃO NA REVISTA EDUCAÇÃO
(PORTO ALEGRE)

Percepção dos educadores infantis sobre Alimentação Saudável: Um estudo de caso em escolas na Paraíba.

Perception of children's educators on Healthy Eating: A case study in schools in Paraíba.

HALANA DOS SANTOS GERMANO⁴
MICHELLE CRISTINE MEDEIROS DA SILVA⁵
VANILLE VALÉRIO BARBOSA PESSOA CARDOSO⁶
IZAYANA PEREIRA FEITOSA⁷

RESUMO

A escola é considerada como um espaço propício para à formação de hábitos e práticas comportamentais em geral, especificamente alimentares. Os educadores, atores chaves desse processo, atuam como facilitadores entre a teoria e a prática. Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada nas histórias de vida e a ferramenta utilizada foi a entrevista narrativa. É fundamental refletir a respeito da história de vida dos educadores infantis, com o objetivo de compreender sua relação com o tema da alimentação saudável, na prática pedagógica. Por meio desta pesquisa, foi possível perceber que a visão que os educadores têm sobre alimentação saudável condiz ao acesso à informação sobre à temática. Embora sua prática não condiz com a realidade. Isto pode ser justificado por suas vivências passadas que refletem em seu cotidiano.

Palavras-Chaves: Histórias de Vida. Promoção da alimentação saudável nas escolas. Educação.

ABSTRACT

⁴ Estudante do Curso de Bacharelado em Nutrição na Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

⁵ Prof. Dra. Michelle Cristine Medeiros da Silva, Prof do curso de nutrição na UFCG

⁶ Prof. Msc. Vanille Valério Barbosa Pessoa Cardoso, Prof. do curso de nutrição na UFCG

⁷ Prof. Dra. Izayana Pereira Feitosa, Prof. de Psicologia da Saúde na UFCG

The school is considered a propitious space for the formation of habits and behavioral practices in general, specifically food. Educators, key actors in this process act as facilitators between theory and practice. This study it is a qualitative research, based on the life stories and the tool used was the narrative interview. It is essential to reflect on the life story of early childhood educators in order to understand their relationship to the subject of healthy eating, in pedagogical practice. Through this research, it was revealed that the vision that educators have about healthy eating consistent access to information on the subject. Although his practice is not consistent with reality. This can be justified by their past experiences that reflect in their daily lives.

KEYWORDS: Life Stories. Promoting healthy eating in schools. Education.

RESUMEN

La escuela es considerada un espacio propicio para la formación de hábitos y prácticas de comportamiento en general, especialmente de alimentos. Los educadores , actores clave en este acto proceso como facilitadores entre la teoría y la práctica . Este estudio es una investigación cualitativa , basada en las historias de vida y la herramienta utilizada fue la entrevista narrativa. Es esencial para reflexionar sobre la historia de vida de los educadores de la primera infancia con el fin de entender su relación con el tema de la alimentación saludable , en la práctica pedagógica . A través de esta investigación , se reveló que la visión que los educadores tienen sobre el acceso alimentación saludable consistente para información sobre el tema . Aunque su práctica no es consistente con la realidad. Esto puede ser justificado por sus experiencias pasadas que reflejan en su vida cotidiana .

PALABRAS CLAVE: Historias de la Vida. La promoción de la alimentación saludable en las escuelas. Educación.

INTRODUÇÃO

A promoção da saúde é considerada uma estratégia importante no âmbito da Saúde Coletiva. Promover uma alimentação saudável é uma das formas de promover saúde. Neste âmbito a Educação Alimentar e Nutricional (EAN) tem um papel de relevância. Segundo Brasil (2012) EAN é um campo de conhecimento e de prática contínua e permanente, transdisciplinar, intersetorial e multiprofissional que visa promover a prática autônoma e voluntária de hábitos alimentares saudáveis.

É na fase da infância em que são formados importantes aspectos do hábito alimentar. Trata-se de um processo que se inicia na infância e se estende por todas as demais fases do ciclo de vida humano (YOKOTA et al.,2010). Nesse contexto, a escola, como um espaço dedicado ao aprendizado, deve estar atenta ao seu papel como promotora da alimentação saudável, sendo incentivadora de hábitos mais saudáveis. Nesse sentido, a educação alimentar e nutricional pode ser considerada um componente decisivo na promoção de saúde (YOKOTA et al.,2010).

Todavia, para que atividades desta natureza obtenham sucesso na escola, os professores, atores-chaves desse processo, precisam sentir-se capacitados em relação à temática, para procurar incorporá-lo ao seu fazer pedagógico (MAYER; WEBER, 2013).

Neste estudo procuramos identificar como estes profissionais compreendem o tema a alimentação e como eles levam para sala de aula, sente-se despreparados? Como poderíamos, enquanto profissionais que procuram levantar tais discussões no ambiente escolar, acessar tais questões? As autobiografias como estratégias de reflexão sobre o processo formativo descritas por Josso (2004) vêm sendo alvo de muitos estudos. É fundamental refletir a respeito da história de vida dos educadores infantis com o objetivo de compreender sua relação com o tema da alimentação saudável na prática pedagógica.

Experiências passadas ao longo de nossas vidas são particularmente decisivas para a constituição do que nos tornamos e do que somos. Tais questões podem interferir na maneira como os professores constroem seu fazer pedagógico. Esta afirmação é verdadeira, também, ao pensarmos no educar para alimentação, se pensarmos, sobretudo, que nossas práticas do hoje são construídas a partir das nossas vivências do passado. Como mostra Boog (2013), o que somos hoje reflete bastante no que vivemos e nas experiências do cotidiano.

Portanto, o objetivo deste trabalho é compreender a relação dos educadores infantis com o tema da Alimentação Saudável.

AMBIENTE ESCOLAR E O EDUCADOR

O ambiente escolar é considerado um espaço profícuo para o desenvolvimento de ações voltadas à promoção de saúde, pois permite não só que tais ações sejam implementadas desde a educação infantil, de forma contínua e por longo período, como também por permitir a inclusão da comunidade familiar e escolar neste processo (WALZEM, 2008; SILVA, 2008; JUZWIAK; CASTRO; BATISTA, 2013). Neste sentido, o ambiente escolar exerce um papel preventivo em relação à desnutrição e ao sobrepeso na medida em que associam a educação com o cuidado básico à saúde, alimentação e higiene (SILVA et al., 2010).

Neste âmbito está a Educação Alimentar e Nutricional (EAN). O autor Walzem (2008) assevera que práticas de EAN proporcionam o uso de abordagens e recursos educacionais problematizadores e ativos que beneficiam o diálogo junto a indivíduos e grupos populacionais, levando em consideração todas as fases do rumo da vida, etapas do sistema alimentar e as interações e significados que compõem o comportamento alimentar.

Tais atividades da alimentação e estilo de vida saudável para crianças e adolescentes têm se tornado prioridade em políticas de saúde em todo o mundo, principalmente diante do panorama de transição epidemiológica, nutricional e demográfica (JUZWIAK; CASTRO; BATISTA 2013).

Nesse sentido foi instituído no âmbito dos Ministérios da Educação e da Saúde, a Portaria Interministerial de nº 1.010, de 8 de maio de 2006, a qual estabelece as diretrizes para a Promoção da Alimentação Saudável nas Escolas de educação infantil, fundamental e nível médio das redes públicas e privadas, em âmbito nacional (BRASIL, 2006b). A portaria define alguns eixos prioritários referentes à promoção da alimentação saudável nas escolas.

Uma das premissas apontadas como centrais é o relevo do educador nesse processo: o Professor é um agente fundamental para desenvolver a efetivação das práticas no âmbito da EAN (SCHMITZ et al. 2008). O educador é um indivíduo com grande influência nas práticas de promoção da alimentação saudável já que interage

com a criança durante muitas horas do dia participando de muitos momentos importantes nessa fase da vida (SOUZA, 2008).

Fala-se hoje da importância de tomar a educação alimentar como tema transversal a todas as abordagens feitas em sala de aula. Isto também exige dos profissionais educadores algum conhecimento sobre alimentação e nutrição. Estudo realizado por Juzwiak, Castro e Batista (2013) ressaltou que é essencial que o educador tenha informação sobre o assunto por meio de cursos de atualização e de materiais didáticos. Além disso, acredita-se que o educador deva estar comprometido com a busca ativa do direito ao acesso a uma alimentação saudável para si e para a coletividade, da valorização da alimentação saudável no cotidiano escolar e do conhecimento pertinente, isto é, de conhecimentos de aspectos técnicos e sociais da alimentação que possibilitem trabalhar com esse tema além do senso comum (BOOG, 2008).

É preciso também considerar como ponto de partida a realidade social e histórica em que tanto a criança como o educador estão inseridos e juntos desenvolverem a construção da identidade e da autonomia no que diz respeito ao conhecimento. Partindo desse pressuposto, o educador junto à escola tem função de oferecer condições para que a criança compreenda o mundo em que vive, assumindo, assim, um caráter crítico e construtivo sobre alimentação saudável, principalmente nessas fases iniciais que são marcantes no desenvolvimento humano (PINTO et al., 2010). Lembrando de incluir neste processo os outros membros da comunidade escolar. Sobretudo, a família.

Antes, todavia, de dizer o que professor pode ou deve fazer é importante também perguntar-se sobre o ponto de partida do educador, em relação a este tema: de onde ele vem e/ou o que o constituiu como sujeito em relação às suas vivências alimentares? É isso que o trabalho com histórias de vida tenta responder.

HISTÓRIAS DE VIDA E ALIMENTAÇÃO

O estudo com as histórias de vida persegue a ideia de que as ações do hoje guardam relação com a formação (sobretudo a não formal) do sujeito ao longo da vida. Utilizar esta ideia como método nesta pesquisa, portanto, admite que as vivências alimentares do educador, atuam na construção da ideia de alimentação desses sujeitos. Assim, seria pouco frutífero falar da necessidade da promoção da alimentação saudável a partir desses sujeitos, quando sequer sabemos qual a ideia

de alimentação saudável que foi construída para/por eles ao longo da vida. Assim como o aluno na educação não-bancária não chega como uma página em branco aos bancos escolares, tampouco os professores. O que, portanto, eles entendem sobre alimentação? As histórias de vida tentam fornecer uma resposta a esta questão.

A referida metodologia vem ganhando popularidade no campo científico, em distintas áreas de atuação. No campo da educação, diversos movimentos vêm se constituindo, desde o início dos anos 90, com a utilização do método autobiográfico e com as narrativas de formação. Diversos autores vêm realizando este estudo, a exemplo de Pinto, que utiliza este método em um trabalho pedagógico, empenhado na formação de nutricionistas, com a utilização das autobiografias alimentares ou reminiscências, como denomina Boog (2013) ao comentar o trabalho daquela autora (SOUZA, 2006; PINTO, 2006).

As reminiscências são recordações, memórias de fatos relativos à alimentação, que julgam um importante papel nas mudanças na forma de agir, pensar e sentir. Rememorar é refletir sobre o vivido a partir do olhar do presente (BOOG, 2013).

Boog (2013) assevera que determinadas experiências, pelas quais passamos na nossa vida, são determinantes para a construção do que nos tornamos e do que somos. A rememoração de uma vivência passada, analisada aos olhos do presente, consegue estabelecer uma relação com o que somos hoje, com o que fazemos ou deixamos de fazer.

A autobiografia alimentar "é a essência da própria história". O que vivenciamos, aprendemos e até desaprendemos, ao longo da nossa vida, é o que nos leva a crer no que é certo e/ou se o que estamos fazendo é certo, na nossa cultura, na sociedade onde vivemos e para nossa vida (ONFRAY, 1990).

O resgate da história de vida de uma pessoa pode ser impulsionado para despertá-lo de uma nova vivência no campo pessoal e profissional. Sendo assim, a história de vida pode ser utilizada como uma ferramenta capaz de transformar representações que o indivíduo tem, inclusive aquelas referentes a si mesmo, visto que, não existe realidade objetiva, mas que toda realidade é representada e que essa representação é, também, susceptível à transformação (PINTO, 2006).

A vivência cotidiana apresenta-se como uma mediação enriquecida de promessas para o conhecimento e as educações individuais e coletivas. Portanto, nesta pesquisa, as histórias de vida foram utilizadas junto a educadores com o intuito de desenvolver reflexões sobre suas vivências alimentares, que nos levará a uma via

de acesso ao tema de promoção da alimentação saudável inserida no projeto pedagógico. O que aqueles que são formadores e que deveriam trabalhar o tema em sala de aula pensam sobre sua vivência pessoal com a temática? O que se propõe, portanto, é um exercício da reflexão sobre a formação dos formadores.

Uma ideia central guiou esta pesquisa: aquela que compreende as histórias de vida como um instrumento disparador de processos reflexivos que nos auxiliam na compreensão de hábitos e práticas de hoje.

O estudo, assim, foi respaldado nas obras de Marie-Christine Josso, que apresentam, em sua maioria, escritos ligados à história de vida. No livro *Experiências de vida e formação*, a autora enfatiza a narrativa de vida como a passagem de uma tomada de consciência da formação do sujeito para a emergência de um sujeito da formação (JOSSO, 2004).

Ao longo de sua trajetória essa autora tem dedicado os seus estudos às biografias como projeto de autoconhecimento e formação, através de sua contribuição principal das histórias de vida como metodologia de pesquisa-formação, ou seja, como metodologia onde a pessoa é ao mesmo tempo objeto e sujeito de formação.

Ainda sobre esse assunto, a autora supracitada enfatiza que o trabalho de narrativa de vida se oferece como a passagem de uma tomada de consciência da formação do sujeito para a emergência de um sujeito da formação por meio da mediação de uma reflexão crítica sobre a forma de pensar o seu itinerário experimental e existencial. (JOSSO, 2004)

Nessa perspectiva, o método das histórias de vida é uma ferramenta indispensável para o estudo da questão das reminiscências alimentares de educadores em relação à sua formação e práticas em sala de aula.

METODOLOGIA

Tratou-se de um estudo transversal, exploratório e descritivo com abordagem qualitativa. A pesquisa foi desenvolvida em três escolas de educação infantil – Centro de Ensino Infantil Marta Maria de Medeiros Casado, Creche Marivalda Cassimiro e Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria do Socorro Farias de Macedo – do município de Picuí-PB,. Atualmente o Município de Picuí-PB zona urbana dispõe de uma creche e duas escolas de educação infantil. Os critérios de escolha foram o fácil acesso às escolas e a boa receptividade dos gestores e educadores, tornando o lugar mais conveniente para a pesquisa.

Utilizamos como metodologia de coleta de dados a entrevista narrativa, que é definida por Bauer e Gaskell (2007) como uma situação que encoraja e estimula o entrevistado a contar uma história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social, ela é processada em quatro fases, partindo da iniciação, segue para narração e fase de questionamento e finalizando com a fase da fala conclusiva e para análise dos dados a proposta por Schütze, onde é composta por seis passos para análise das narrativas (BAUER; GASKELL, 2007).

RESULTADO E DISCUSÕES

O conceito de alimentação saudável muda em diferentes contextos históricos, a partir de diferentes formas de construção social. A alimentação é uma prática social, resultante da integração das dimensões biológica, sociocultural, ambiental e econômica (BRASIL, 2012a; MAESTRI, 2014; AZEVEDO, 2008).

No presente estudo pôde-se observar que a concepção de alimentação saudável na ótica dos professores é baseada no consumo de frutas, verduras, arroz, feijão e carne. Opõem-se à ideia de alimentação saudável os alimentos industrializados e aqueles que no seu cultivo são tratados com agrotóxicos. Além disso, apesar de reconhecerem a alimentação saudável como um tema de relevo, avaliam que não têm uma boa alimentação, apesar de suas tentativas.

Assim, alimentação saudável vai além do consumo de FLV ou mesmo além do consumo: envolve todo sistema alimentar, do plantio ao descarte. De acordo com a Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN), outras variáveis devem ser consideradas na construção da ideia de alimentação saudável.

Toloni (2014) em seu estudo adiciona que uma alimentação saudável deve estar livre de produtos industrializados e agrotóxicos. Nas últimas décadas ocorreram mudanças nos hábitos alimentares da população, principalmente em relação à substituição de alimentos caseiros e naturais por alimentos industrializados e com elevada densidade energética e baixa qualidade nutricional, essas mudanças estão intimamente relacionadas à transição nutricional. Mudança que pode ser vista no relato de Estrela de Belém:

“Hoje em dia eu como mais besteiras do que alimentos mais saudáveis, minha vida é bastante corrida, então assim acaba que a gente atribui assim essa alimentação não tão saudável à correria. Mas sempre que eu posso, eu procuro me alimentar bem, mas infelizmente isso não é tão forte hoje em dia, como era na minha infância.”

As mudanças ocorridas no dia a dia, em função da jornada de trabalho induzem as pessoas a se alimentarem de forma incorreta, procurando uma alimentação mais rápida, que não precise de muita elaboração no seu preparo. Sobre a temática de transição nutricional, segundo Popkin et al. (1993), o conceito de transição nutricional, o qual corresponde às mudanças dos padrões nutricionais, modificando a dieta das pessoas e se correlaciona com transformações sociais, econômicas e demográficas ligadas à saúde.

Isso não significa que não haja conhecimento por parte das educadoras sobre os efeitos, pelo menos biológicos, do consumo deste tipo de alimento.

“Porque eu gosto mesmo é de comer pastel (risadinha) coxinha, pizza essas coisas assim, frituras, mortadelas, presunto basicamente é o que eu gosto de comer, apesar de saber que não é saudável, mas é o que eu gosto de comer” (Açucena).

Algumas afirmam ter a informação de que a ingestão desse tipo de alimento traz consequências negativas para nosso organismo:

“Interfere na sala de aula. Assim muitas vezes quando a gente não se alimenta direito, a gente fica com o físico, com a mente cansada tudo, a alimentação eu acho que atinge todo o nosso sistema... nervoso, psicológico e isso interfere de certa forma porque passa para os nossos alunos quando a gente não está se alimentando bem” (Jacinto)

Todavia, sabe-se que vários fatores colaboraram para que o consumo destes alimentos siga com expressividade em nossa sociedade. Alguns deles encontram-se diretamente relacionados. Tomem-se como exemplos dois deles: a mídia e o estilo de vida. Esses são fatores que talvez possam explicar em parte o porquê de Açucena preferir esse tipo de alimentos em seu cotidiano.

Estudo realizado por Sawaya e Figueiras (2013), destacam os três componentes da dieta moderna que respondem a essas características são: *açúcar, gordura e sódio*; e, ao misturá-los em doses “certas”, têm efeito somatório na geração de prazer. Alimentos ricos em açúcar, gordura e sódio geram, mais do que outros alimentos, emoções positivas que aumentam a motivação para obtê-los, tão logo sejam lembrados ou estejam disponíveis ao alcance da mão, Ou seja, ingeri-los é recompensador. Nosso organismo desenvolveu um apetite particular por eles, pois garantem maior disponibilidade de energia como o açúcar e a gordura, enquanto o sal garante o balanço hidroeletrolítico vital para o funcionamento do organismo.

Percebe-se, portanto, que a visão que os educadores têm sobre uma alimentação saudável converge, em muitos aspectos, para as diretrizes traçadas pela

Nutrição sobre esse tema: em uma primeira instância: rica em FLV, mas variada, contendo outros grupos alimentares; com ausência de alimentos industrializados e sem agrotóxicos. Ainda assim, admitem que, até o momento, seus esforços não são bem-sucedidos para ter uma boa alimentação. Avaliando, assim, de maneira negativa sua própria alimentação.

Um dos maiores insucessos que apontam para isso é o que percebem na alimentação de seus próprios filhos. Os filhos revelam preferência por alimentos diferentes daqueles presentes em suas casas, classificados por elas como guloseimas, tais como doces, bolachas e refrigerantes. Esses produtos são considerados mais saborosos, além de serem dotados de valor simbólico diverso (ROMANELLI, 2006).

Esta inversão de valores que permeia a ingestão de alimentos, tem preocupado algumas das professoras, como Tulipa, que relata em sua fala:

“E o que mais me preocupa em relação a ter em casa são as bolachas recheadas que às vezes, mesmo a gente sabendo que ofende, mas quando os filhos são pequenos. Eu mesmo comprava muito, achava que lanchar antes para os nossos filhos para ter uma comida boa, era sempre trazer bolachas recheadas. Hoje eu tenho até uma visão melhor”.

O discurso da mídia chega a confundir os pais, como fica claro no relato de Tulipa, que chegou a pensar que o melhor lanche eram as bolachas. Além disso, esse discurso hedonista, inclusivo e moderno captura também os filhos, que apresentam aos pais os seus anseios (ARNAIZ, 2005). Pressionados, muitas vezes, os pais cedem aos pedidos, mesmo tendo a concepção de que o alimento não é o mais saudável.

Assim como grande parte dos brasileiros, os educadores aqui entrevistados, demonstram uma relação com o tema da alimentação saudável que não se efetiva com o acesso à informação sobre o tema. Não apenas os fatores de informação nutricional e os fatores conjunturais ligados à nossa sociedade e ao grande capital, como também a memória e o imaginário, influenciam nas escolhas.

Como isso verte-se em suas práticas cotidianas de ensino? O que percebem do passado, em relação às suas biografias alimentares, na sua prática alimentar/profissional do presente.

A formação dos hábitos alimentares está expressamente ligada à história do indivíduo, sua infância, sua família e aos momentos iniciais de socialização que contribuíram para a formação do sujeito como ele é (FIGUEIREDO, 2011). A alimentação da criança, desde seu nascimento e nos primeiros anos, tem

repercussões ao longo de toda a vida. É considerada como um dos fatores mais importantes para a saúde da criança (BERNART, 2011). Pode-se perceber a afirmativa da autora em algumas falas das educadoras deste estudo como na descrita a seguir:

“Mamãe sempre proporcionava à gente uma comida mais ou menos saudável, de levar pra escola, bolo, tapioca” (Tulipa).

A preocupação da mãe em proporcionar uma alimentação mais saudável é perceptível na fala desta educadora, seja no momento de pensar o lanche da escola até a hora de partilhar o alimento à mesa.

A família transmite às novas gerações, desde o nascimento, padrões de comportamento, hábitos, usos, costumes, valores, atitudes e um padrão de linguagem. Enfim, maneiras de pensar, de se expressar, de sentir, de agir e de reagir que lhe são próprias, naturais. Promove ainda a construção das bases da subjetividade, da personalidade e da identidade (GOMES, 1994).

Resultados importantes têm sido alcançados incluindo o tema alimentação e Nutrição nos currículos e na formação permanente dos profissionais de educação e da comunidade escolar. A capacitação desses atores sociais potencializa mudanças no ambiente escolar, as quais dão suporte para a adoção de hábitos alimentares saudáveis, mesmo o ambiente doméstico (ALMEIDA, 2014; SCHMITZ et al., 2008; YOKOTA et al., 2010).

Portanto, percebe-se que as primeiras lições ligadas à questão alimentar foram transmitidas na infância aos educadores, pelas suas mães. Os sedimentos que têm sobre a questão da alimentação saudável, remontam à mesa familiar e à memória materna. Por isso, insistem tanto na participação dos pais como membros da comunidade escolar na tarefa de Promoção da alimentação saudável.

Além desta bandeira, suas memórias de formação alimentar também deixaram algumas lições que tentam desdobrar em seu cotidiano como educadores. Reconhecem o relevo do uso de estratégias lúdicas que dotem a abordagem da questão de certa espontaneidade no fato alimentar, principalmente, a contação de histórias. E dão destaque à questão da força do exemplo no que tange ao estabelecimento de práticas alimentares saudáveis. Por isso, vivem um constante exercício de auto-reflexão com o objetivo de se constituírem exemplos para seus alunos e filhos.

PROFESSOR E A PROMOÇÃO DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NO AMBIENTE ESCOLAR: PERSPECTIVAS

Os professores reconhecem o relevo da abordagem do tema da alimentação saudável no ambiente escolar. Por isso, tentam, apesar de suas próprias dificuldades, articular estratégias de intervenção, através da contação de histórias dentro das práticas de projetos. Entendem também que o gesto em sala de aula é educador, formador.

Sem se desviarem de seu campo de atuação de intervenção, referem a utilização da Pedagogia de Projetos como referencial de proposta metodológica neste sentido. A estratégia adotada por todos os professores foi a construção de projetos que abordam a alimentação saudável. Incluem inúmeras formas de se trabalhar a temática, seja por contação de histórias, seja pelo estímulo sensorial via experimentação dos alimentos. Como podemos perceber nesta fala:

“Bom na sala de aula a gente costuma trabalhar com projetos sobre alimentação saudável.” (Flor de Amêndoa).

As escolas entrevistadas conhecem a Portaria Interministerial nº1010, cujo principal objetivo foi o de instituir diretrizes para a promoção da alimentação saudável nas escolas de educação infantil, fundamental e ensino médio, a fim de favorecer a adoção de hábitos saudáveis no ambiente escolar. Por isso, foi indicada a necessidade de incorporação do tema *alimentação saudável* no projeto pedagógico da escola, perpassando todas as áreas de estudo e propiciando experiências no cotidiano (BRASIL, 2006b).

Ainda sobre esse assunto, Pinto (2006) afirma que a educação nutricional é uma ferramenta fundamental na segurança alimentar e nutricional. Através da utilização da pedagogia de projetos, fica implícito que o conhecimento é um ato social e que o educador está sendo um sujeito histórico. Além do mais, um projeto permite a socialização do conhecimento, a continuidade do trabalho e a construção de memória.

A autora referida elenca algumas das principais contribuições do trabalho com projetos que são: vivenciar múltiplas práticas de educação em saúde e a produção coletiva do conhecimento, com a participação do educando, através da reflexão crítica sobre a realidade.

No documentário *Muito Além do Peso*, Ann Cooper, Diretora da School Food Project, acrescenta mais: é preciso incluir o que as crianças sabem sobre alimentação como experiências educacionais. A única coisa que fazemos várias vezes ao dia é comer. Podemos não ler várias vezes ao dia, não usar álgebra várias vezes ao dia, o que fazemos várias vezes ao dia, durante toda nossa vida é comer. Isso deve ser tão importante na experiência educacional das nossas crianças, quanto à leitura, a escrita e a aritmética (Muito além do Peso, 2012).

Uma das metodologias mais utilizadas no âmbito da pedagogia de projetos pelos educadores para falar de alimentação é a contação de histórias. Como vemos no relato de Lírio do Campo que se intitula professora contadora de histórias. As histórias que compõem o acervo infantil tradicional são fonte de informações culturais, às quais somam a sua vivência concreta (RCNEI, 1998). A literatura tem o papel de caráter transdisciplinar, dentre todas as ciências, a literatura é a única que está presente em todas as outras. Assim sendo, podemos utilizá-la, para desenvolver atividades educativas, abordando temas de alimentação e Nutrição com o público infantil (NÓBREGA, 2015).

Corroborando com essa concepção foi possível identificar que as educadoras entrevistadas incorporam na sua prática educativa inserindo a temática alimentação saudável. Na fala a seguir pode-se visualizar o despertar e incentivo a criança para o desenvolvimento de práticas de alimentação saudável, através da adaptação da história de Chapeuzinho Vermelho.

“Na temática de chapeuzinho vermelho, nos deparamos com a cena que ela vai pra casa da vovó levar uma cesta de doces porque a vovó está doente, então o que eu fiz eu adaptei essa história falando dos medos e aproveitei e contei também chapeuzinho vermelho e o lobo bom, que a história é que o lobo é bom porque ele é contra os doces que a vovó come, ele ensina a chapeuzinho vermelho que alimentação deve ser frutas e verduras e o final da história é o lobo levando a vovozinha no médico e nutricionista, para ensinar ela a comer direito e o médico para tratar colesterol, diabetes e tudo mais”
(Lírio do Campo).

Notamos esta confirmação na fala desta educadora, em que a criança faz a relação da cesta de chapeuzinho vermelho que ao invés de ser doces poderia ser as frutas, nos mostra que ficou gravado na memória dele.

Outro ponto que as professoras percebem como efetivos para o trabalho de promoção da alimentação saudável no ambiente escolar é a dimensão do gesto. Acreditam que o exemplo é educador, formador.

Muitos professores que atuam nas escolas, não percebem a importante dimensão que tem o seu papel na vida dos alunos. Todavia Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da autonomia* afirma: “Ensinar não é transmitir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”, a ideia é de que, numa relação de ensino-aprendizagem ideal, não é apenas a fala, mas sim as situações, que são as verdadeiras produtoras do aprendizado. (FREIRE, 2011). O que constatamos na narrativa da educadora Açafrão:

“Evito trazer essas “bujinganguinhas” que compra... é... como açúcar, pipoca essas coisas pra já incentivar eles não usar e falo pra eles que não é saudável”.

Percebemos deste modo na concepção da educadora a importância do exemplo, em sua prática cotidiana na sala de aula. O despertar do educador nos detalhes da vivência diária, leva a perceber sua importância no exemplo.

O incentivo a valorização de ter uma boa alimentação, faz parte do processo de educar. Para Medeiros (2010), educar é um processo minucioso, onde a corporeidade do exemplo é peça chave para o verdadeiro aprendizado: ele passa a fazer parte da vida cotidiana integrando-nos, deste modo, passamos a ser o espelho daquilo que aprendemos.

Assim sendo, educar para o que quer que seja, requer atenção e atitudes que dão vida a gestos contínuos e inconscientes. Tais gestos entram como grandes protagonistas: o gesto é educador. Aperfeiçoá-los para que as memórias e gostos sigam se perpetuando ao longo da vida, exige paciência e delicadeza. Portanto o gesto: educa, reproduz e cria cultura (MEDEIROS, 2010).

Portanto, o professor reconhece a importância da abordagem com o tema alimentação saudável dentro do ambiente escolar. O educador está inserido como ator principal nesta formação e tem buscado trazer a abordagem para dentro da sala de aula, de forma mais lúdica do que tiveram a oportunidade de aprender em casa. Utilizam a prática da contação de histórias dentro do âmbito da pedagogia de projetos. Além disso, entendem o valor do gesto em sala de aula, suas atitudes na escola, onde a corporeificação do exemplo é peça chave para o verdadeiro aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação dos educadores com a temática alimentação saudável tem demonstrado relevância, para a formação do corpo discente na fase da infância,

sendo está à educação básica. Este estudo teve como objetivo entender a relação que os educadores infantis têm com o tema da alimentação saudável e como transmitem para o seu cotidiano.

Por meio desta pesquisa, foi possível perceber que a visão que os educadores têm sobre uma alimentação saudável caminha-se ao acesso à informação sobre esta temática. Embora entendam que alimentação saudável é caracterizada pela ingestão de FLV e livres de agrotóxicos, a sua prática não condiz com a realidade. Isto pode ser justificado por sua memória e também por suas vivências passadas que refletem em seu cotidiano. Além disso, foi possível observar que grande parte das educadoras reconhece que sua educação alimentar reflete na de seus filhos.

Elas consideram que deve haver uma EAN no âmbito escolar e que a família está intimamente ligada a este processo, no qual a mãe ocupa uma posição de influência, devido as suas reminiscências alimentares. Este entendimento é levado para a sala de aula, integrando a família nas práticas pedagógicas: Projeto Alimentação Saudável e dentro dele a contação de histórias.

A fase da infância é um período de descobertas e reproduções, as educadores entendem que nesta fase, são um exemplo a ser seguido pelos alunos. Por este motivo tentam transmitir uma boa prática acerca da alimentação saudável. Porém a maioria sente dificuldade em compartilhar o conhecimento relacionado a essa temática com os seus alunos, seja ela por não ter a prática de uma alimentação saudável, sentindo-se desconfortável em falar e dar o exemplo ou por se sentir despreparada.

Diante disso, esse estudo possibilitou o conhecimento da realidade das práticas de EAN local e poderá funcionar como instrumento de sensibilização dos educadores, como a gente de promoção da saúde e também na prevenção de doenças como a obesidade infantil, problemas no crescimento e desenvolvimento, desnutrição e doenças crônicas. Pois sabe-se que a educação é um dos pilares para a formação do ser humano.

A partir desta pesquisa, propomos uma capacitação com os educadores para se apoderarem do assunto, bem como palestras com as famílias dos discentes para entenderem a importância de uma alimentação saudável e assim trabalharem juntos com um só objetivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. CELESTE, B. RIBEIRO, J. L. P. Hábitos alimentares: Comparação entre adultos saudáveis e portadores de doença crônica. In: **Actas do 9º congresso nacional de psicologia da saúde**. P. 31-37. Lisboa: Placebo, 2012.

AZEVEDO, E. de. Reflexões sobre riscos e o papel da ciência na construção do conceito de alimentação saudável. **Rev. Nutr.** 2008.

BAUER, M. W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BERNART, A. ZANARDO, V. P. S. Educação nutricional para crianças em escolas públicas de erechim/rs. **Vivências**. V.7, n.13, p.71-79, 2011.

BOOG, M. C. F. **Educação em Nutrição: Integrando experiências**. Campinas: Komedi. 2013.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. **Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional para as Políticas Públicas**. Brasília-DF. 2012.

BRASIL. Portaria Interministerial nº 1010, de 8 de maio de 2006. Institui as diretrizes para a Promoção da Alimentação Saudável nas Escolas de educação infantil, fundamental e nível médio das redes públicas e privadas, em âmbito nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília-DF, 2006b.

FIGUEIREDO, S. C. Comida como narrativa: Histórias de vida sobre experiências alimentares ao longo. 2011, 118 f. **Dissertação (Mestrado)** – Universidade Federal da Bahia, Escola de Nutrição, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOMES, J.V. Socialização primária: tarefa familiar? **Cad.Pesq.**, São Paulo, n. 91, p. 54-61,1994.

JOSSO, M. C. **Experiência de vida e formação**. Editora Cortez. São Paulo, 2004.

JUZWIAK, C. R, CASTRO, P. M.BATISTA, S. H. S. S. A experiência da Oficina Permanente de Educação Alimentar e em Saúde (OPEAS): formação de profissionais para a promoção da alimentação saudável nas escolas. **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 4, p. 1009-1018, 2013.

MAESTRI, B. HERERRA, L. SILVA, N. K. RIBEIRO, D. H. B. Avaliação do Impacto da adição de inulina e de Maçã em leite fermentado probiótico Concentrado. **Braz. J. Food Technol.** Campinas, v. 17, n. 1, p. 58-66, 2014

MAYER, A. P. F. WEBER, L. D. A influência da escola na alimentação e na atividade física da criança. Franca, SP. **CAMINE: Caminhos da Educação**. v. 5, n. 1. 2013.

MEDEIROS, M. Como você aprendeu a cozinhar? : Reflexões sobre a transmissão intergeracional do conhecimento culinário entre mulheres.. In: **Congresso Internacional de Pesquisa (auto)biográfica**, 2010, São Paulo. Espaço (auto)biográfico: artes de viver, conhecer e formar., 2010.

Muito Além do Peso. Direção: Estela Renner. Documentário. 81 min. 2012. Disponível em: <http://www.muitoalemdopeso.com.br>. Acesso em: 10 Setembro 2015.

NÓBREGA, L. M. de O. **A MESA DE CLARICE LISPECTOR**: a literatura na promoção da alimentação saudável nas escolas. 2015.108f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Nutrição) – Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, 2015.

ONFRAY, M. **O vinte dos filósofos: crítica da razão dietética**. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

PINTO, V. L. X. ARAUJO, M. F. MEDEIROS, M. BEZERRA, I. W.L. **É de pequeno que se aprende? Promoção da alimentação saudável na educação infantil**. Natal. 2010.

PINTO, V. L. X. **As coisas estão no (meu) mundo, só que eu preciso aprender**: Autobiografia, Reflexão e formação em educação nutricional. 2006. 299f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

POPKIN B. M. GE, K. GUO, X. MA, H. ZOHOORI, N. The nutrition transition in China: A cross sectional analysis. **J Clin Nutr**. Europa, v. 47, p. 333-46, 1993.

ROMANELLI, G. O significado da alimentação na família: uma visão antropológica. **Medicina**. Ribeirão Preto, v.39, p. 333-9, 2006.

ROSA, A. M. C. GARCIA, W. D. Antropologia e nutrição: um diálogo possível. ARNAIZ, Mabel Grada. In: **Em direção a uma Nova Ordem Alimentar**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ. 2005.

SAWAYA, A. L. FILGUEIRAS, A. "Abra a felicidade"? Implicações para o vício alimentar. **Estud. av.**, São Paulo, v. 27, n.78, p.53-70, 2013 .

SCHMITZ, B. A. S. RECINE, E. CARDOSO, G. T. SILVA, J. R. M. AMORIM, N. F. A. BERNARDON, R. RODRIGUES, M. L. C. F. A escola promovendo hábitos alimentares saudáveis: uma proposta metodológica de capacitação para educadores e donos de cantina escolar. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 312-322. 2008.

SILVA, A. C. A. **Educação nutricional institucionalizada: conhecimentos e práticas de agentes educacionais e professoras de ensino infantil de 0 a 3 anos**. 2008. 135 f. Dissertação (mestrado em Alimentos e Nutrição) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

SILVA, C. R.; MARTINS, B. A. E. T.; OLIVEIRA, V. L. M. I.; MIYASAKA, C. K. Dietary intake and nutritional status of the preschool of public nursery school from . São Paulo. **Alim. Nutr.**, Araraquara, v. 21, n. 3. 2010.

SOUSA, E. C. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**. Natal. v. 25, n. 11. 2006.

SOUZA, N. N.; **Concepções de educadoras de creche sobre o desenvolvimento da criança na faixa etária de zero a Três anos**. 2008. 95f. Mestrado (Pós-graduação em Educação) - Universidade Federal Do Paraná, Curitiba, 2008.

TOLONI, M. H. de A. LONGO-SILVA, G. GOULART, R. M. M. TADDEI, J. A. de A. C. Introdução de alimentos industrializados e de alimentos de uso tradicional na dieta de crianças de creches públicas no município de São Paulo. **Rev. Nutr.** Campinas, v. 24, p. 61-70, 2011.

TOLONI, M. H. de A. LONGO-SILVA, G. KONSTANTYNER, T. TADDEI, J. A. de A. C. Consumo de alimentos industrializados por lactentes matriculados em creches. **Revista Paulista de Pediatria**. São Paulo. vol. 32, p. 37-43, 2014.

WALZEM, R. L. MURANO, P. Societal aspects in the dietary management of childhood Hyperlipidemia. **J. Clin. Lipidol.** EUA, v. 2, n. 3, 2008.

YOKOTA, R. T. C. VASCONCELOS, T. F. PINHEIRO, A. R. O. SCHMITZ, B. A. S. COITINHO, D. C. RODRIGUES, M. L. C. F. Projeto “A escola promovendo hábitos Alimentares saudáveis”: comparação de duas estratégias de educação nutricional no Distrito Federal, Brasil. **Rev. Nutr.**, Campinas, v. 23, p. 37-47, 2010.